

ARTE

RAIMUNDO CELA

Fortaleza • CE 1ª ed. mar/2017 • Trimestral

PINTURA
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
GRAVURA
TÉCNICAS MISTAS
OBRAS ARQUITETÓNICAS



SAIA DO QUADRO

VISITE A EXPOSIÇÃO COLEÇÃO AIRTON QUEIROZ FORTALEZA | CE

Os maiores nomes da arte brasileira e mundial. 500 anos de história da arte em 251 obras.

Entrada gratuita
Visita guiada
Ampla estacionamento

terça a sexta, 9h às 19h
sábados, 10h às 18h
domingos, 12h às 18h

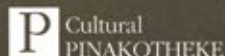
ESPAÇO CULTURAL UNIFOR
Campus da Universidade de Fortaleza
Informações: 85 3477.3319
www.unifor.br



PATRIMÔNIO
TURÍSTICO DE
FORTALEZA

produção executiva

realização





**VANDO
FIGUEIREDO**
ARTISTA PLÁSTICO

QUANDO A VIDA NÃO É SUFICIENTE

Para ser universal, cantemos nossa aldeia. Esse preceito sempre fez parte da maioria dos discursos literários e artísticos. O objetivo da revista Arte, em sua primeira edição, é refazer novos percursos. Não acreditamos que existe uma arte circunscrita às geografias. Com suas fronteiras rígidas, definidas, marcadas. A arte não é limitada, engarrafada e nem possui lacres. Como diria o grande poeta Ferreira Gullar, a arte não tem propósitos, ela só existe porque a vida não é suficiente. A vida, por definição, é universal, dispensa rótulos. A revista Arte vem cumprir a função de valorizar o fazer artístico, não por acaso, a partir do Ceará e de todo o Nordeste. Porque nestas porções de terra nunca se produziu tanto uma arte que bebe da fonte do mundo inteiro. Formar apreciadores do amplo universo das artes é uma das nossas mais fortes ambições. É impossível não prestar uma justa homenagem a todos aqueles que tornaram este projeto possível. Como se trata de uma longa lista de agradecimentos, gostaríamos que cada um continuasse sendo portador de uma eterna sensibilidade na alma traduzida pela valorização do fazer artístico.



Capa: detalhe
da obra de Raimundo Cela



Disponível também
em versão online



issuu.com/revistaarte

Revista Arte é uma publicação trimestral da Editora Bookmaker
com curadoria de Vando Figueiredo / Fale com a redação: 85 3261.5066

ISSN 2525387-5

B/k
editora

bookmaker@bookmaker.com.br

EDITOR
Júnior Gomes

CURADORIA
Vando Figueiredo

CONSULTORA DE ARTE
Neuma Figueirêdo

EXECUTIVA COMERCIAL
Líliá Quinderé

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS
Mirtila Facó - MTb 2803/CE
Fátima Porto - MTb 1690/PE

DIRETOR DE ARTE
Cláudio Queiroz

EDIÇÃO DE IMAGENS
Carlos Rios

REVISÃO
Cláudio Neves

IMPRESSÃO
Marcograf

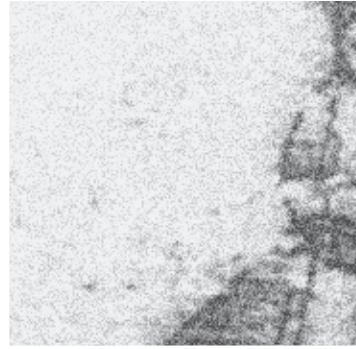
EDITORIAL DE ENCERRAMENTO Roberto Galvão

OBRAS ARQUITETÔNICAS
TÉCNICAS MISTAS
GRAVURA
FOTOGRAFIA
ESCULTURA
PINTURA

FEIRA

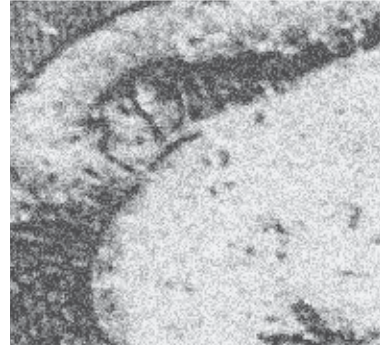
#6

VANDO FIGUEIREDO
MURAL GATAIADA
DIVERTE E ENCANTA
A COMPOSIÇÃO
DA CIDADE



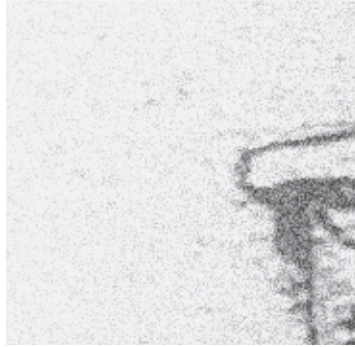
#27

AIRTON QUEIROZ
UMA TRAJETÓRIA
DE VALORIZAÇÃO
DAS ARTES



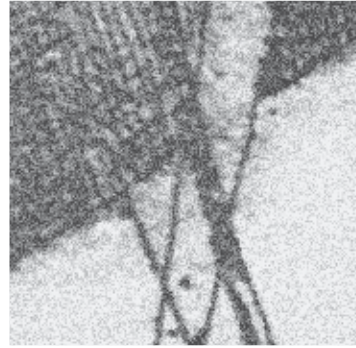
#16

**HOMENAGEM
A SÉRVULO
ESMERALDO**
UM LEGADO
INDELÉVEL
PARA AS ARTES



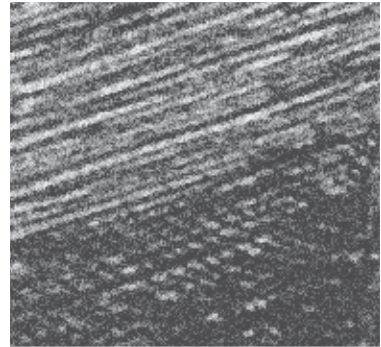
#10

CHARGE
DESTAQUE PARA
MINO CASTELO
BRANCO



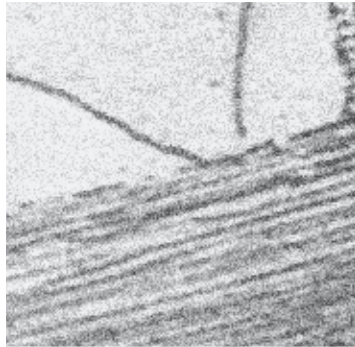
#32

DESIGN DE JOIAS
SUZANE FARIAS
TALENTO
REVELADO



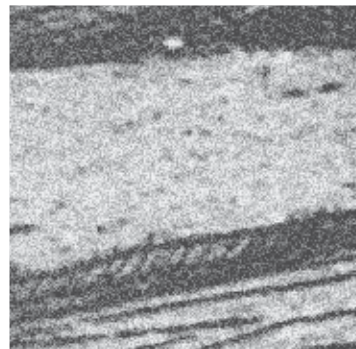
#22

RAIMUNDO CELA
DO PARTICULAR
AO UNIVERSAL UM
DIÁLOGO COM
AS RAÍZES DA
TERRA



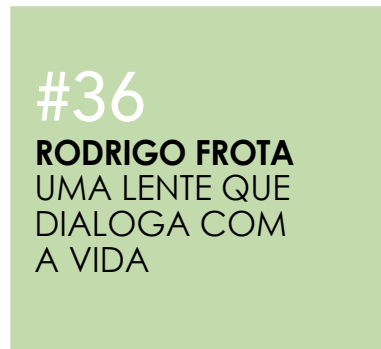
#12

ARTE URBANA
NARCÉLIO
GRUD UMA
DAS PRINCIPAIS
EXPRESSÕES DO
GRAFITE CEARENSE



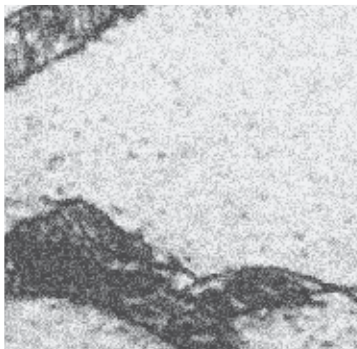
#36

RODRIGO FROTA
UMA LENTE QUE
DIALOGA COM
A VIDA



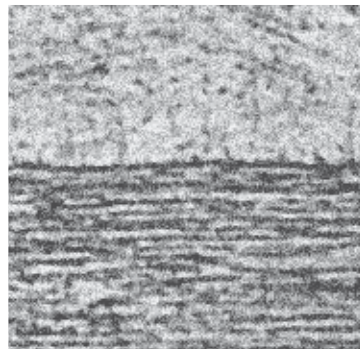
#40

**ITINERÁRIO
NORDESTINO**
BRENNAND
EXPRESSÃO
MÁXIMA DA
ESCULTURA



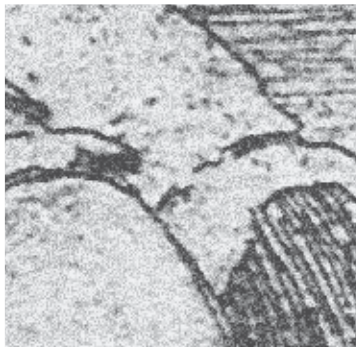
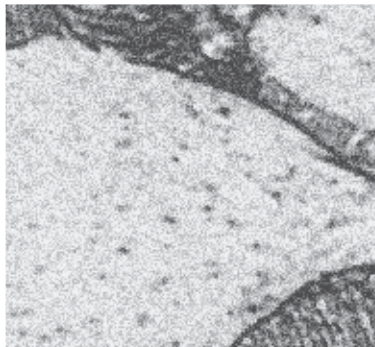
#58

ROTEIRO DE ARTE
UM PASSEIO
PELOS MUSEUS
NORDESTINOS



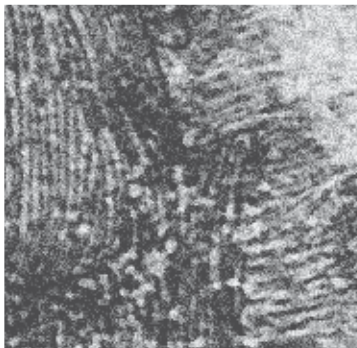
#51

CASACOR CEARÁ
TRADIÇÃO
NA VALORIZAÇÃO
DA ARTE E DA
ARQUITETURA



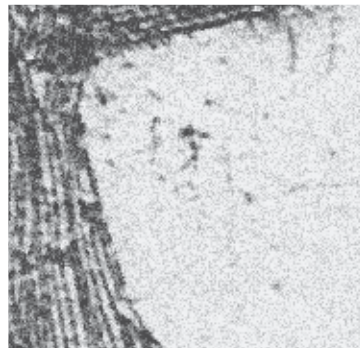
#44

**PALÁCIO
DA ABOLIÇÃO**
CONSTRUÇÃO
SURPREENDE PELA
OUSADIA DAS
FORMAS



#63

ARTE UNIVERSAL
FÁBULA DAS
TRÊS ALDEIAS



#55

**GALERIA
MULTIARTE**
MAX PERLINGEIRO



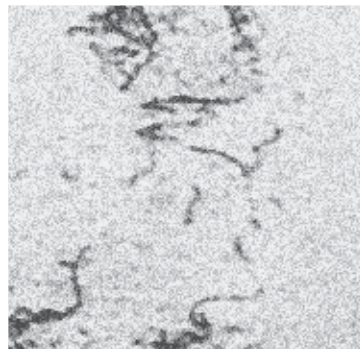
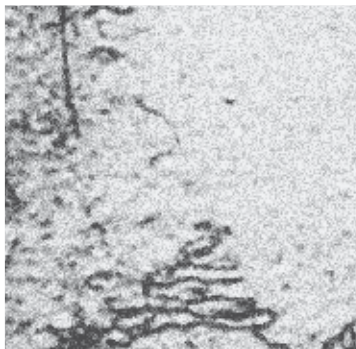
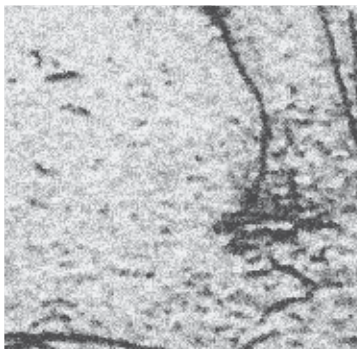
#66

EDITORIAL
ROBERTO
GALVÃO



#48

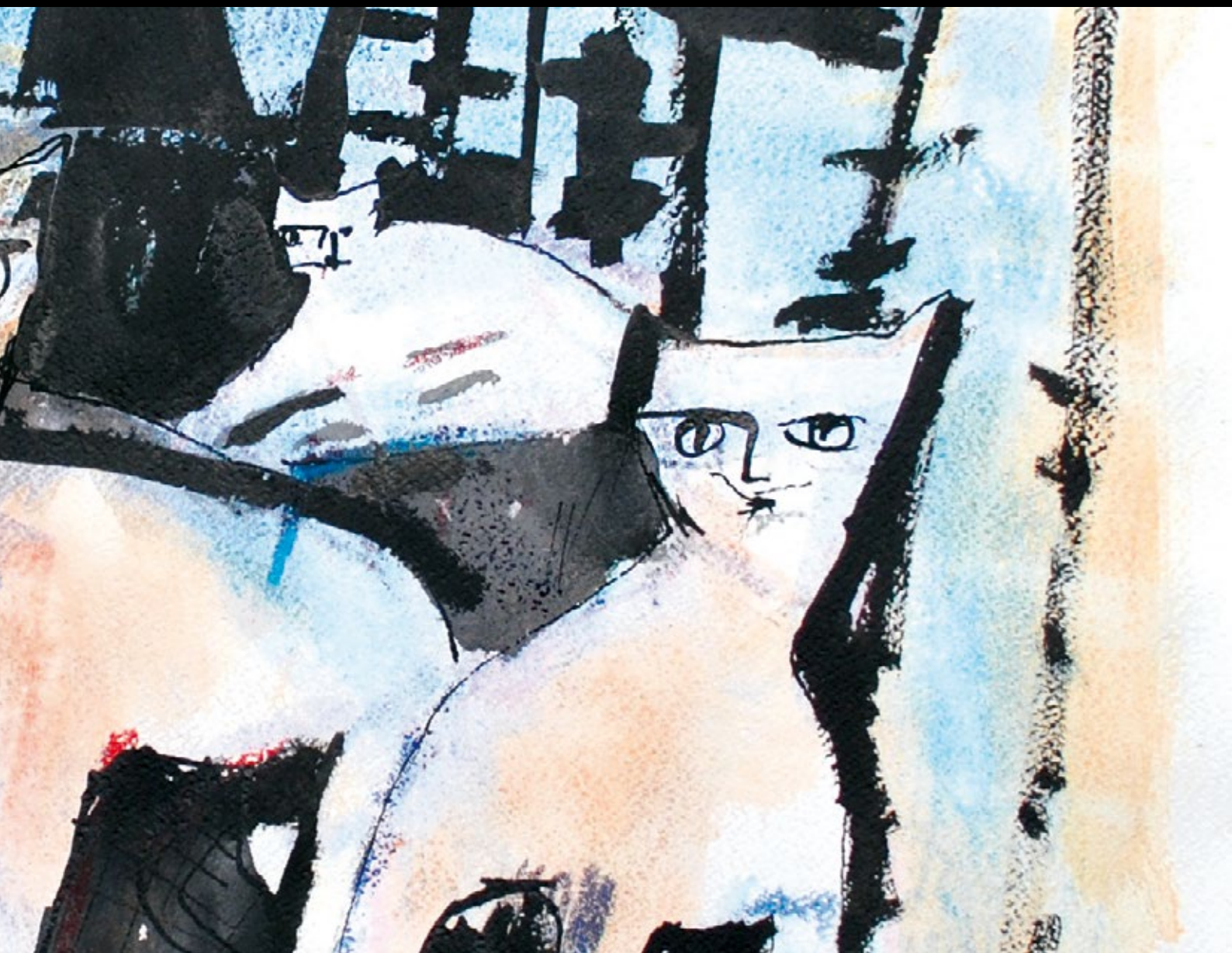
CLAUDIO CESAR
DESCRIONISTA,
É ASSIM QUE O
ARTISTA DEFINE
SUA OBRA





CATS 2010 (detalhe)

VANDO FIGUEIREDO EM GATAIADA



TENDO COMO INSPIRAÇÃO OS FELINOS DE 7 VIDAS, EM UMA DE SUAS FASES DE MAIOR DESTAQUE, VANDO FIGUEIREDO CORROU O TEMA COM UM MURAL DE FORTE INTERVENÇÃO URBANA

Multiplicidade de talentos e ícone das artes plásticas cearenses. Essa, certamente, é a melhor definição que podemos dar a Vando Figueiredo. Nascido em Fortaleza, em 29 de setembro de 1952, consagrou-se como desenhista, pintor, gravurista, escultor e professor de desenho e pintura. Vando é dessas figuras que, apesar do enorme reconhecimento profissional, consegue manter a simpatia e a simplicidade com todos. É descontraído e irreverente, características essas que podem também ser reconhecidas em sua arte.

Um dos mais belos trabalhos de Vando fica localizado na rua Nunes Valente, no bairro Aldeota, endereço nobre da capital cearense. Trata-se de um colorido mural, intitulado Gataiada. De acordo com o artista, o painel, que mede 88 metros quadrados, demorou três dias para ser concluído. “Para que tudo pudesse ser feito da melhor forma, contei com a ajuda do artista plástico Kelson Teles e de mais dois auxiliares que foram responsáveis pelo preparo das tintas e também de uma base branca”, ressalta Vando.

Pelo fato de o mural ter como tela o muro de um condomínio, o artista revela que teve de pedir autorização aos moradores para iniciar as pinturas. De acordo com ele, três estudos diferentes foram preparados e submetidos à apreciação de algumas pessoas, incluindo moradores do prédio, amigos, familiares e vizinhos da rua Nunes Valente. “Além dos felinos, o outro estudo era composto por uma grande dança e o outro era sobre figuras de pinturas rupestres, comumente encontradas em grande parte das minhas obras”. E completa: “Os gatos foram os grandes vencedores. Fiquei feliz, pois pude fazer uma

homenagem ao nosso saudoso artista cearense Aldemir Martins, responsável pela imortalidade desses felinos que aparecem em inúmeras de suas telas”.

Tendo iniciado sua carreira em 1988, Vando Figueiredo já realizou mais de 100 exposições, algumas individuais, apresentadas no Brasil e em países como Polônia - com relevante atuação no contexto artístico polonês - e Portugal -, com frequentes exposições de expressivo destaque em outros países, como Estados Unidos, Espanha, França, Chile, Argentina, Dinamarca e Itália. O processo criativo do artista é algo bem particular, já que, segundo ele, grande parte das inspirações surge durante o trabalho. “Normalmente, vou só com uma ideia para a tela. A questão de cores e de composição vou construindo no decorrer do trabalho que, na realidade, é um grande embate onde construo e desconstruo até chegar, no meu ponto de vista, a um resultado harmonioso de cor e tema abordado”, conta. Apesar de já ter participado de diversos murais, o artista afirma que ainda falta sensibilidade nas pessoas, uma vez que, com o tempo, muitos deles são destruídos ou apagados. ■



VANDO FIGUEIREDO
RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

VANDO FIGUEIREDO JÁ REALIZOU MAIS DE 100 EXPOSIÇÕES, ALGUMAS INDIVIDUAIS, APRESENTADAS NO BRASIL E EM PAÍSES COMO ESTADOS UNIDOS, PORTUGAL, ESPANHA, FRANÇA, CHILE, ARGENTINA, DINAMARCA E ITÁLIA



MINO

HUMOR, TALENTO E MUITA HISTÓRIA PARA CONTAR

Dono de um senso de humor inigualável, **Hermínio Macêdo Castelo Branco, ou simplesmente Mino, vem conquistando ao longo do tempo um número cada vez maior de admiradores, muitos dos quais não conhecem nenhum detalhe de sua história de vida.** E é exatamente para esse público que gostaríamos de apresentá-lo. Filho de Raimundo Castelo Branco e Francisca Macêdo, Mino nasceu em Fortaleza e teve uma infância feliz, cercado por tios e tias, sobrinhos e primos, gente alegre e divertida, inteligente e bem-humorada, oriunda do Piauí e do Maranhão.

Mino é, sem dúvida alguma, um dos mais expressivos nomes do cartunismo cearense. O que muitos não sabem, no entanto, é que ele é formado em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC). "Por vários motivos fiz Direito. Realizei o sonho de meu pai em ter um filho formado. No terceiro ano da faculdade descobri que essa não era a minha praia, apesar de pertencer ao meu litoral. Não exerci a profissão, mas recebi o canudo e entrei na Ordem com orgulho e satisfação", afirma.



**COM UM TRAÇO SÓLIDO
E IRREVERENTE, MINO
FAZ DE SUA ARTE UMA
EXPRESSÃO CONSISTENTE
DO SEU TEMPO**





**MINO É UM
DOS MAIS
EXPRESSIVOS
NOMES DO
CARTUNISMO
CEARENSE**

A carreira como cartunista começou no jornal *O Povo*, ilustrando uma seção de humor esportivo e participando de um noticiário da TV Ceará (*Repórter Cruzeiro*) em que ilustrava notícias ao vivo, fato nunca antes visto na TV brasileira. Com o passar dos anos, Mino trabalhou em agências de publicidade e colaborou com quase todos os jornais de Fortaleza. “Minha vida tem sido assim. Vou de um lugar para outro levado pelo desenho, que literalmente me tem levado pela mão. Desenhando fui em vários mundos adentrando, pintando o sete, tocando sete instrumentos e, musicalmente falando, desenhando de ouvido, sem pauta e sem partituras,

livremente traçando meus itinerários na vida artística”, revela. Entre seus mais significativos trabalhos está o famoso Capitão Rapadura, que, nas palavras de Mino, é a mistura de Capitão América com Capitão Virgulino, misto de *Shazam!* com o “*valei-me, Padim Ciço!*”. Entre o espinafre do Popeye e o engenho de cana. O artista também é o idealizador da conhecida sereia, símbolo do Sistema Verdes Mares. Sobre ela, ele nos conta: “Apaixonado pela minha namorada (Ignês), hoje minha mulher, nela me inspirei e desenhiei a sereiazinha, baseado em seus traços numa foto sua quando menina. Um desenho infantil que contrariava toda a tendência dos

logos da modernidade. E que deu certo até hoje”. Atualmente, Mino coordena o projeto da *Rivista*, uma publicação que pretende mostrar o humor primeiramente como arte gráfica, em forma de textos, frases, cartuns e histórias. Cartunista, ilustrador, artista plástico e escritor, Mino parece não ter perdido a docilidade, a gentileza e, claro, o senso de humor. E quando questionado sobre o fato de se considerar um artista completo, é assim que ele nos responde: “Não sou um artista completo. Sou um cara metido. Metido a poeta, metido a desenhista, metido a um bocado de coisa. O que me falta é me meter mais ainda, aprender mais, ser mais metido ainda, cearensmente falando”. ■

GRAFITTE ARTE EXPERIMENTAL VEM GANHANDO ESPAÇO

ANTES CONSIDERADO UMA INTERFERÊNCIA CAÓTICA E DISCUTÍVEL NO AMBIENTE URBANO, O GRAFITE VEM, A CADA DIA, TENDO COMO PRINCIPAL TELA AS RUAS DA CIDADE



Diversas são as formas, cores e materiais utilizados para dar à arte o viés de admiração e encantamento. Alguns tipos de manifestação artística, entretanto, passaram por um período de adaptação ao olhar da sociedade. Um desses exemplos é o grafite, uma das mais coloridas e irreverentes formas de expressão. Grafite, também chamado de grafito (do italiano graffiti, plural de grafito), é a denominação dada às inscrições feitas com carvão. Desde sempre o homem sentiu a imensa necessidade de se comunicar, de se expressar. Para se ter noção, os antigos romanos tinham o costume de utilizar carvão para escrever palavras proféticas, ordens comuns e outras formas de divulgação de leis e acontecimentos públicos nas paredes. Curiosamente, o tempo tratou de manter preservadas essas inscrições. Algumas ainda podem ser vistas nas catacumbas de Roma e em outros sítios arqueológicos espalhados por toda a Itália.



PAINEL PORTO LATINO / CÔRSEGA, FRANÇA GRAFFINK + ACIDUM + DESIGN MAKER 2015 (detalhe)

CHEGADA AO BRASIL

Com o passar do tempo, o termo grafite foi se aperfeiçoando. As paredes das antigas construções do Império Romano deram lugar às "telas livres" encontradas nas grandes metrópoles e o carvão foi, aos poucos, dando lugar aos sprays e tintas. E foi aí que surgiu o termo grafiteiro (ou writer), ou seja, o artista que faz do grafite a sua expressão maior. Para que alcançasse o patamar que tem hoje, esse tipo de manifestação passou pela fase da descrença e da desconfiança. Logo que chegou ao Brasil, em meados da década de 1970, o país vivia um período conturbado e delicado de sua história política, uma vez que estava em plena ditadura militar.

Não bastasse o momento, marcado pela intensa censura, o grafite, em seu início, foi visto como uma grande contravenção, por vezes, confundido com pichação. A arte, que tinha o propósito de se lançar ao mundo como um alto grito de liberdade, passou a ser vista como sinônimo de marginalidade e grave transgressão à ordem.



Nessa mesma época, o movimento do grafite fervilhava no bairro do Bronx, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Lá, a população negra era maioria e o número de jovens que decidia deixar suas marcas nas paredes da cidade, na grande maioria das vezes como registro de indignação frente ao preconceito e às injustiças sociais, crescia a cada dia.

Outro fator que muito ajudou na disseminação do grafite pelo mundo começou em maio de 1968, durante os movimentos contraculturais que abalaram o planeta, em especial Paris. Nessa época, os movimentos insurrecionistas utilizavam os muros para que mensagens de natureza política e artística pudessem ser vistas por todos. Aos poucos, essa forma de arte, completamente interativa, foi derrubando paredes de preconceito e descrença e ganhando espaço no Ocidente. Se engana, porém, quem pensa que o grafite brasileiro foi uma mera cópia do grafite feito na terra do Tio Sam ou dos modelos vistos nas paredes de Paris. Muito pelo contrário, os artistas brasileiros, tão logo percebendo seu talento, trataram de incrementar a arte do seu jeito. Não é à toa que o grafite brasileiro é reconhecido como um dos melhores do mundo. Nomes como Gustavo e Otávio Pandolfo (Os Gêmeos), Eduardo Kobra, Zezão, Speto, Alex Senna, Crânio e Binho Ribeiro são sinônimo de talento e genialidade.

Com o intuito de desmistificar cada vez mais a ideia de “expressão marginal”, diversos são os artistas brasileiros que, juntamente com apoio do poder público, ou mesmo de forma independente, desenvolvem projetos sociais que ajudam não apenas a fazer com que o grafite tenha sua importância reconhecida, mas também auxiliam no desenvolvimento pessoal dos participantes, gerando trabalho e renda e possibilitando que crianças e adolescentes façam das ruas uma grande e inesgotável tela ao ar livre.

**SE ENGANA, PORÉM,
QUEM PENSA QUE O
GRAFITE BRASILEIRO FOI
UMA MERA CÓPIA DO
GRAFITE FEITO NA TERRA
DO TIO SAM OU DOS
MODELOS VISTOS NAS
PAREDES DE PARIS**

**INTERVENÇÃO NA RUA PE. IBIAPINA COM
AV. DUQUE DE CAXIAS COLETIVOS 33
CREW, ABP E SERES CREW (detalhe)**



ÓCO NARCÉLIO GRUD (detalhe)

NARCÉLIO GRUD, UM DOS PRINCIPAIS ARTISTAS DO GRAFITE CEARENSE

Em que momento o grafite surgiu na sua vida?

Desde criança rabisco paredes. O grafite foi um caminho natural dentro das coisas que eu fazia. Fui pichador, skatista, punk, fazia quadrinhos e aerografia. Mexia com coisas que, de uma maneira ou outra, despertaram o interesse pelo grafite.

Como surgiu a ideia de grafitar em caixas de energia espalhadas por Fortaleza?

O despertar pra pintar essas caixas foi em 2007, mas só em 2009 coloquei em prática. Surgiu de observar esse objeto na rua e perceber o quanto ele estava, na maioria das vezes, depredado e vandalizado, tanto por cartazes publicitários quanto por pichações. Daí se encaixou para servir de suporte para rostos sorridentes e coloridos.

De onde vem a inspiração para a criação de seus personagens?

Não sei explicar de onde vem. Identifico alguns sinais. É algo que algumas vezes tem vida própria e até me diz coisas que preciso escutar, como conselhos e direções a tomar.

Como você enxerga o atual cenário do grafite no Ceará?

O grafite no Ceará vem ganhando notoriedade nos últimos anos, tanto pela quantidade de bons artistas que estão surgindo e amadurecendo quanto pelos festivais que trabalham com essa linguagem. O mercado também é um fator importante que possibilita aos artistas viverem profissionalmente desse ofício.

O que dizer às pessoas que ainda consideram o grafite uma arte marginal?

De certa forma, o grafite sempre terá esse aspecto marginal. Não é porque chegou a galerias de arte, dentro de alguns lares, fazem parte de campanhas institucionais, ou mesmo caem no gosto da população, que perde seu caráter de intervenção e de ser parte de uma cultura marginal, por vezes subversiva. A essência do grafite vem de estar na rua, de ocupar espaços com ou sem autorização e isso faz parte da alma da história de ser grafiteiro.



Qual é a sensação de olhar para trás e enxergar os caminhos que você teve de percorrer para chegar aonde está?

Algumas coisas foram conquistadas, mas ainda há muito por fazer. Nossa cidade requer uma atenção no que diz respeito ao viver coletivo. A arte urbana vem se mostrando como um recurso forte para essa melhoria e muitas pessoas vêm juntando forças nessa empreitada. Vejo mais possibilidades no que há de vir do que no que já foi feito. ■

SÉRVULO ESMERALDO

UM LEGADO INDELÉVEL PARA AS ARTES

NOME ILUSTRE, MAS QUE NUNCA SE DEIXOU ENVAIDECER POR RÓTULOS, SEMPRE COM OLHAR ATENTO, TALENTO E EXTREMA DEDICAÇÃO, CAMINHOU ENTRE O REGIONAL E O UNIVERSAL

Esse foi Sérvulo Esmeraldo, artista que, apesar de bastante fiel ao seu estilo, conseguiu transitar por diversas linguagens, entre elas a gravura, o desenho e a escultura. Nascido no município cearense do Crato (1929 - 2017), é filho de Álvaro Esmeraldo e de Zaíra Barbosa Cordeiro Esmeraldo e neto de Antônio Esmeraldo, fundador do tão famoso engenho Bebida Nova, no Crato. Dizem que nessa vida nada acontece por acaso. Mesmo sem saber a importância que teria para o seu futuro, Sérvulo sempre gostou de ler. Quando pequeno, aprendeu a falar francês com os livros herdados dos tios e dos avós.



SEM TÍTULO
DE SÉRVULO
ESMERALDO



TETRAEDROS I
1986



**“TRABALHO COM
MATERIAIS DIVERSOS,
MAS MINHA MATÉRIA-
PRIMA DE VERDADE
É ELA: A LUZ”**

Ao completar 18 anos, o ex-menino de engenho apaixonado por cavalos foi expulso do Ginásio Diocesano do Crato por estar com um livro de Jorge Amado, e, por indicação do ministro Gustavo Capanema, foi matriculado no Liceu do Ceará. Em Fortaleza, ao frequentar o ateliê livre da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap) fez amizade com artistas de renome, tais como Zenon Barreto, Goebel Weyne, Murilo Teixeira, Flávio Phebo e Mário Barata. Com eles se reunia para pintar naturezas-mortas, vilas de pescadores, modelos vivos, paisagens variadas da cidade e tudo o mais que a vista conseguisse alcançar.

Seus primeiros trabalhos foram com xilogravura, e isso nunca foi deixado de lado. Na época, inspirava-se na gravura popular, com formas bem puras. Em 1951, com o propósito de estudar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), transferiu-se para a capital paulista. Lá chegando ingressou no curso preparatório e, no vestibular, ficou entre os classificáveis. Por intermédio de Aldemir Martins aproxima-se do meio artístico e tem a oportunidade de trabalhar na montagem da 1ª Bienal Internacional de

São Paulo. Tempos depois, conhece e passa a frequentar os pontos onde se encontravam artistas e intelectuais da época, a citar: Oswaldo Goeldi, Sérgio Milliet, Bruno Giorgi, Lívio Abramo. Segundo afirma em diversas entrevistas, foi nesse momento que passou a abordar de maneira bem mais consciente a geometria, tendo como ponto de partida o sistema construtivo das folhas, galhos e sementes.

Reprovado no vestibular, o destino tratou de fazer sua parte e Sívulo foi contratado por uma empresa de engenharia, também recebendo convite para exercer a função de ilustrador e gravador no Correio Paulistano, onde permanece de 1953 a 1957. Para se despedir da cidade, chamada por muitos de “selva de pedra”, mas pela qual Sívulo sempre teve extremo carinho por tê-lo acolhido tão bem, decidiu realizar, em 1957, uma exposição individual de gravuras de natureza geométrica construtiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM).

Devido ao rigor e refinamento com que realizava seu trabalho, teve a oportunidade de viajar para a Europa com uma bolsa de estudos oferecida pelo governo francês. Lembra do pequeno

menino que aprendeu francês sozinho com os livros herdados da família? Pois bem, lá estava ele alcançando imponentes voos. Em Paris, estuda Litografia na Escola Nacional Superior de Belas Artes e tem acesso às obras raras da Bibliothèque Nationale de France, o que lhe permite estudar a gravura de Albrecht Dürer (1471-1528). Além disso, Sérvulo teve a oportunidade de frequentar a Beaux-Arts e o atelier de Johnny Friedlaender, onde estudou as técnicas da gravura em metal.

Com toda essa “bagagem”, Sérvulo consegue aprimorar ainda mais sua obra. No início, seu trabalho é bastante figurativo, com formas sintéticas e simplificadas. Com o passar do tempo, porém, encaminha-se naturalmente para as obras focadas na abstração, com um concretismo estudado e bem consciente, interessando-se, dessa

maneira, pela forma e não tanto pelo tema. É aí também que a escultura começa a ter certa predominância sobre a gravura. Ainda na década de 1960 o artista começa a produzir seus primeiros trabalhos cinéticos, feitos com imãs. Na mesma época, realiza as primeiras obras Excitáveis - quadros e objetos movidos pela eletricidade estática.

Apesar de ter sido muito bem recebido na capital francesa, Sérvulo, repleto de novas ideias, percebeu que era hora de voltar às raízes. A partir de 1975 o artista volta a frequentar o Brasil, expondo com regularidade em diversas capitais. Em 1977, começa a construção de esculturas públicas no espaço urbano da capital alencarina, passando a trabalhar com chapas de aço laqueado, produzindo esculturas com planos dobrados e pintados.

SÉRVULO PASSEIA
COM ELEGÂNCIA PELA
GRAVURA, ESCULTURA
E ARTE CINÉTICA





www.esmaltec.com.br



Edson Queiroz
65 ANOS

Que tal uma co(r)zinha nova?



Foi buscando inspiração nas cores que descobrimos a receita certa para decorar sua cozinha. **Linha Esmaltec Way**, moderna e descontraída, do jeito que só a gente sabe ser.

Esmaltec
VENDE MAIS PORQUE É BOM. PONTO.



**MONUMENTO AO
SANEAMENTO BÁSICO**
PRAIA DO NÁUTICO

**SUA VASTA OBRA ESTÁ
REPRESENTADA NOS
MAIS IMPORTANTES
MUSEUS DO PAÍS E EM
COLEÇÕES PÚBLICAS E
PRIVADAS DO BRASIL
E DO EXTERIOR**

Três anos mais tarde desenvolve uma série de peças brancas em que inscreve formas geométricas vazadas. Ao contrário do que muitos podem pensar, pelo fato de lidar com objetos planos, as obras do artista sempre sugerem volume, já que, muitas vezes, é o volume que serve de suporte para evidenciar as linhas. Nos anos de 1986 e 1991, idealiza e é curador, na capital cearense, da I e da II *Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras*, das quais participaram muitos artistas nacionais e internacionais, que enviavam seus projetos para serem construídos em Fortaleza, em sua maioria com materiais baratos, e que eram desmontados após a mostra, o que possibilitava um baixo custo. Com diversas exposições realizadas e participação em im-

portantes salões, bienais e mostras coletivas na Europa e nas Américas, sua vasta obra está representada nos mais importantes museus do país e em coleções públicas e privadas do Brasil e do exterior. Fortaleza, pode-se dizer, é uma cidade de muita sorte, pois pode desfrutar de 40 esculturas urbanas feitas por Sérvulo, dentre as quais o Monumento ao Saneamento Básico da Cidade de Fortaleza, na praia do Náutico. No último dia 1º de fevereiro, o artista deixou órfãos os amantes da arte. Aos 87 anos, Sérvulo nos deixou. Coincidência ou não, a última exposição, intitulada *Sérvulo Esmeraldo: A Linha, A Luz, O Crato*, realizada em sua terra natal, foi uma bela despedida do artista que, até o último instante de vida, amou seu ofício. Esta edição presta uma justa homenagem a Sérvulo Esmeraldo. ■



TAPETES QUE SÃO OBRAS DE ARTE

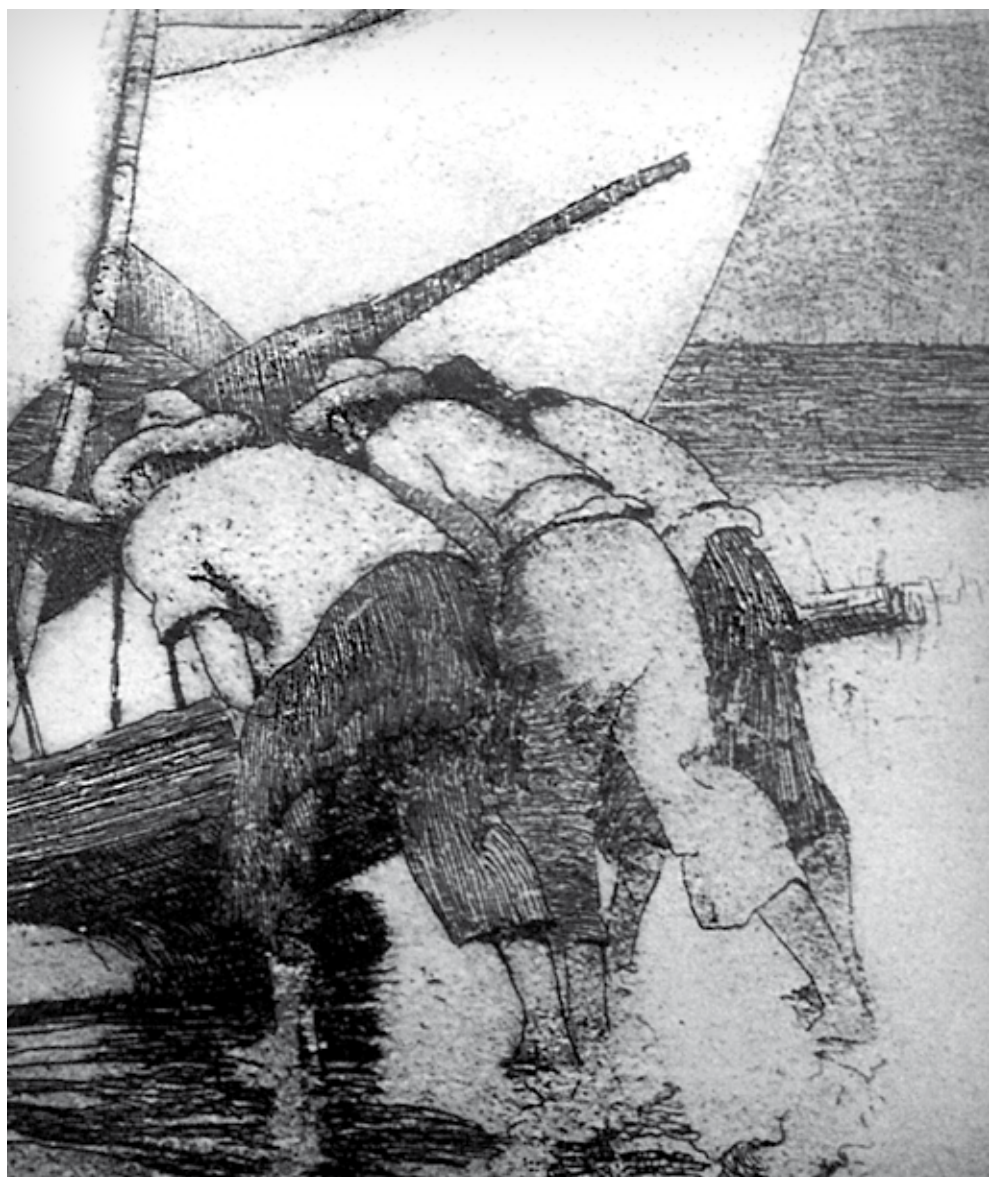
ADROALDO
Tapetes e Carpetes do Mundo

RECIFE | FORTALEZA | NATAL

RAIMUNDO CELA

A OBRA DE RAIMUNDO CELA DIALOGA COM O MUNDO ORA PELA RIQUEZA DOS TRAÇOS, ORA POR FAZER UMA SÓLIDA REFERÊNCIA AO HOMEM QUE FAZ DO SEU MAR A VIDA

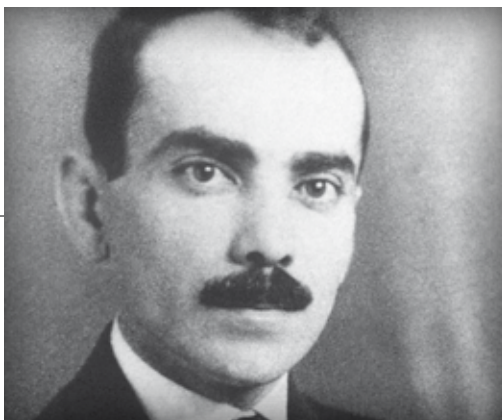
O pintor, gravador e professor Raimundo Cela, nascido no município cearense de Sobral no ano de 1890, produziu uma arte atemporal, que se distingue do estilo de qualquer outro. Por também ser formado em engenharia, muitos estudiosos acreditam que isso explique muito da qualidade de sua obra, uma vez que tudo é fruto de técnica e planejamento. Cela fazia parte da geração de brasileiros cuja formação teve forte influência da cultura francesa. Dessa maneira, era bastante reservado e discreto, no entanto, visto com bastante simpatia por todos que com ele conviviam. O artista soube retratar com requinte e, ao mesmo tempo, simplicidade as figuras populares do Ceará.



JANGADAS PARA O MAR
CIRCA 1923-1957
(detalhe)



JANGADA NA AREIA CIRCA 1890 - 1954 (detalhe)



RAIMUNDO CELA
SOBRALENSE QUE
POSSUI UMA ARTE
INCONFUNDÍVEL,
ULTRAPASSANDO O
RIGOR ACADÊMICO

Sua arte não busca imitar as coisas representadas, na realidade, sua intenção é revelar a poesia por trás da história. Os personagens mais frequentemente retratados em sua obra são pescadores, vaqueiros e rendeiras. A escolha, certamente, se deve à força que essas figuras empregam na vida cearense ao longo de todos esses anos. Esses mesmos personagens, ao carregar alguns traços mais fortes e levemente desproporcionais, impactam nosso olhar e chamam atenção para os detalhes. Porém, Cella não quis apenas recriar com

fidelidade a natureza, mas mais que isso, ele buscava reinventar esses personagens e cenários construindo um realismo propositalmente exacerbado, em que as figuras se tornam presenças muito fortes. Jangadas, marinas e beiras de praias repletas de coqueiros, tudo com um realismo que não deixa de lado a rusticidade e a emoção, são elementos que consagram o trabalho de Raimundo Cella. O artista nos dá a oportunidade de abrir uma janela para o Ceará e seus encantamentos. Água salgada, luz, vento e areia ajudam a contar

a trajetória de gente forte, que consegue fazer do mar e da terra fonte de vida e inspiração. Você aprende a identificar e, quando olha, dizer: esse é um Raimundo Cella. O artista reproduziu paisagens e personagens comuns, que podem ser retratados indefinidamente e livremente por pessoas que aprenderam a utilizar os conceitos técnicos, acadêmicos, e também por aqueles que, sentindo-se inspirados, arriscam-se a registrar em cores e traços a sua própria leitura de um instante.



**JANGADA
VOLTANDO
DO MAR**
CIRCA 1944



O ARTISTA DEU UM TRATAMENTO NATURAL AOS TEMAS DE SUA TERRA, UTILIZANDO DISTORÇÕES NO TRAÇO

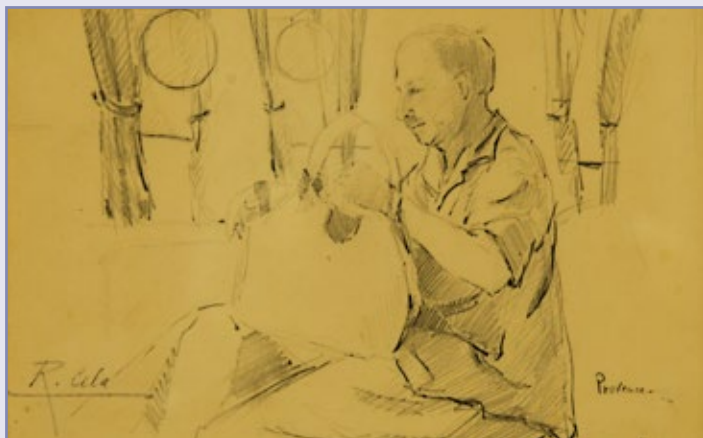
Os signos que Raimundo Cella retrata são as imagens mais fortes da cultura nordestina, que se sobrepõem a gerações. No seu olhar refinado, alia a formação acadêmica de alto nível - pois estudou na Escola Nacional de Belas Artes e aperfeiçoou-se na França durante 2 anos - ao detalhar próprio de quem é capaz de sentir e se identificar com as situações mais dramáticas ou mais singelas vivenciadas pelos mais diversos personagens que dão sentido à história de um povo. Em suas obras, Cella revela toda a arte de quem dominou o conhecimento das formas clássicas, harmônicas

e belas, aprendidas nas melhores escolas de belas artes, e trouxe para o seu mundo real, adaptando para os traços de figuras de sua região. Ao reforçar alguns traços, consegue dar uma forma quase imperceptivelmente exagerada, criando assim um traço pessoal. O artista deu um tratamento natural aos temas de sua terra, utilizando distorções no traço. É possível perceber que ele não buscava reproduzir com fidelidade a cena real, mas sim criar uma cópia distorcida, para dar mais intensidade expressiva. Cella também segue esse padrão ao usar as cores, tendo como característica

os tons terrosos alternados com os tons superclaros, que trazem contrastes e dão luminosidade. A arte de Raimundo Cella não tem influência do Movimento Modernista, época em que ele viveu e produziu suas obras. Porém, suas obras, não sendo tão radicais, mas também não ligadas ao estilo clássico, tinham algo novo. Algo único. Não seguindo nenhum movimento ou tendência, Cella criou um estilo original que caracteriza todo o seu trabalho. O valor da arte de Raimundo Cella se deve, em grande parte, ao fato de ter seguido um caminho próprio, concebido à margem das escolas. █



**OS TRAÇOS DE
CELA TRATAVAM COM
SENSIBILIDADE E
GRANDEZA O COTIDIANO
DAS PESSOAS COMUNS.**



COLEÇÃO AIRTON QUEIROZ: UMA HISTÓRIA DE AMOR PELA ARTE

MEMORÁVEL COLEÇÃO DO CHANCELER AIRTON QUEIROZ EXIBE CINCO SÉCULOS DE HISTÓRIA DA ARTE NO ESPAÇO CULTURAL AIRTON QUEIROZ

Incentivar a arte como forma de sedimentar valores culturais na sociedade. Esse é o compromisso do chanceler Airton Queiroz, que ao longo dos anos construiu um acervo incomparável. Atualmente, ele possui uma das coleções de arte brasileira mais ricas do país, que vai do Brasil Holandês aos dias atuais. Para que todos tivessem acesso à arte, Airton Queiroz investiu na construção do Espaço Cultural Unifor, que atende às exigências de padrão internacional. Grandes nomes das artes local e mundial já passaram pelo Espaço Cultural Unifor, como Vik Muniz, Rembrandt, Rubens, Burle Marx, Miró, entre outros. Hoje o local expõe parte do seu incrível legado com a mostra "Coleção Airton Queiroz".



FOTOS: ARES SOARES



A mostra tem a curadoria de Fábio Magalhães, José Roberto Teixeira e Max Perlingeiro. Sob o olhar atento do chanceler, a exposição reúne 251 obras dos principais nomes das artes plásticas brasileiras, além de artistas internacionais do porte de Monet, Renoir, Miró e Dalí. Ou seja, uma oportunidade única de apreciar telas, instalações e esculturas pertencentes a uma das maiores coleções da América Latina e que, em sua maioria, nunca foram expostas no Ceará. Dividida em períodos históricos e movimentos artísticos, a exposição pode ser compreendida em cinco eixos: Do Brasil Holandês à República, Modernismo, Abstração, Contemporâneos e Presença Estrangeira. Segundo Fábio Magalhães, “a Coleção Airton Queiroz é

notável tanto por reunir um elenco tão abrangente no tempo como pela qualidade das obras colecionadas. O acervo vai além da arte brasileira ao incluir obras de arte europeia, de mestres como Renoir e Max Ernst, entre outros. Certamente, é resultado de uma vida inteira dedicada a reunir obras de qualidade, criadas por artistas que se destacaram no seu tempo”.

“Difícil encontrar, na história de nosso colecionismo de arte, qualquer outro colecionador que, mais que Airton Queiroz, tenha sido capaz de amorosamente construir, ao longo de cinco décadas, um acervo de obras significativas cobrindo cinco séculos de arte brasileira, de Albert Eckhout a Lygia Clark e de Tunga ao

Aleijadinho, ou seja, do longínquo Seiscentos aos dias de hoje”, destaca José Roberto Teixeira Leite.

De acordo com Max Perlingeiro, “a exposição é de grande importância, em primeiro lugar, porque o colecionador é cearense. E poderia ser feita em qualquer parte do mundo porque tem uma representatividade da arte brasileira muito grande. E não é uma coleção curada. Não houve um personagem que orientasse o colecionador a adquirir as suas obras. Foi o olhar estético dele. O que é mais emocionante é que ele está sendo generoso ao compartilhar com um público anônimo a sua coleção. Você sabe quando essas obras vão ser vistas novamente? Nunca. Essa oportunidade é única. É extraordinário”, comenta.

DO BRASIL HOLANDÊS À REPÚBLICA - Três óleos de Frans Post (1612-1680) compõem a presença do século XVII na coleção. Representa o século XVIII uma imagem de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738-1814). O século XIX é um dos destaques desse eixo da exposição. Henri Vinet, Georg Grimm, Antônio Parreiras, Castagneto, Benedito Calixto, Nicolau Facchinetti, Eliseu Visconti, entre outros, e um grupo de três obras do pintor e gravador cearense Raimundo Cela (1890-1954) fecham este capítulo da Coleção Airton Queiroz.

MODERNISMO - Um dos principais eixos da mostra tem como ponto de partida a obra de Anita Malfatti, na antessala do Modernismo. A tela *Mulher de Cabelo Verde* "é, sem dúvida, uma das peças mais importantes do acervo. Trata-se de uma obra icônica, de grande significado para a história da arte brasileira e, em particular, para todo o movimento modernista", aponta Fábio Magalhães. Também na exposição, obras que deram início, ainda na década de 80, à coleção de arte moderna de Airton Queiroz: uma tela de Di Cavalcanti e duas aquarelas de Ismael Nery. A estas somaram-se, ao longo dos anos, conjuntos expressivos de obras de Lasar Segall, Cícero Dias e Vicente do Rego Monteiro.

ABSTRAÇÃO - Entre as obras da Coleção, merecem destaque *Bicho*, de Lygia Clark, que faz parte da série de construções geométricas articuláveis produzidas entre os anos de 1960 e 1964. No conjunto de seis trabalhos do cearense Antônio Bandeira reunidos na Coleção, destaca-se o expressivo conjunto abstrato realizado entre 1950 e 1964, pela riqueza das possibilidades de cor e de forma exploradas pela gestualidade lírica e espontânea do pintor poeta. Também presentes Willys de Castro, Abraham Palatnik, Sérvulo

Esmeraldo, Manabu Mabe, Tomie Ohtake, Hermelindo Fiaminghi, Hélio Oiticica, Lygia Pape e Alfredo Volpi.

CONTEMPORÂNEOS - Foi do interesse pelo Modernismo que surgiu, por parte do colecionador, o apreço pela arte contemporânea, também presente na exposição em obras de artistas como Adriana Varejão e Beatriz Milhazes - que tiveram suas individuais no Espaço Cultural Unifor em 2015 -, além de Leonilson, Leda Catunda e outros.

O ACERVO VAI ALÉM DA ARTE BRASILEIRA AO INCLUIR OBRAS DE ARTE EUROPEIA, DE MESTRES COMO RENOIR E MAX ERNST, ENTRE OUTROS.



PRESENÇA ESTRANGEIRA - A mostra traz também a evolução da arte europeia ao longo dos séculos, desde o Renascimento até os movimentos modernistas da primeira metade do século XX. Nesse segmento, a obra mais antiga, e certamente das mais importantes, é uma pintura a óleo sobre madeira atribuída ao célebre mestre barroco flamengo Peter Paul Rubens (1577-1640). Claude Monet (1840-1926) é o autor de *La Maison dans les Roses*, um óleo sobre tela executado no verão de 1925. Outra importante pintura impressionista na Coleção Airton Queiroz é um óleo sobre tela de Pierre Auguste Renoir (1841-1919). Na pintura de Marc Chagall

(1887-1985), tudo se passa como num sonho. Já o Surrealismo está representado por trabalhos significativos de três importantes pintores, cada qual exibindo características próprias: o alemão Max Ernst (1891-1976) e os espanhóis Joan Miró (1893-1983) e Salvador Dalí (1904-1989).

AMÉRICA LATINA - O olhar de Airton Queiroz voltou-se também para a arte da América Latina, representada pelos uruguaios Joaquín Torres García (1874-1949) e Carmelo Arden Quin (1913-2010), além do mexicano Diego Rivera (1886-1957) e do colombiano Fernando Botero (1932). ■

**FOI DO INTERESSE
PELO MODERNISMO
QUE SURTIU, POR PARTE
DO COLECIONADOR,
O APREÇO PELA ARTE
CONTEMPORÂNEA**



Exposição Coleção Airton Queiroz

Em cartaz no Espaço Cultural Airton Queiroz, na Unifor

Visitação gratuita



Horários: terça a sexta - 9h às 19h; sábados - 10h às 18h; domingos - 12h às 18h

Informações: 3477.3319 | unifor.br

Transplante capilar
em seu mais puro
estado de arte.



MÁRCIO CRISÓSTOMO
Instituto de Medicina do Cabelo
Hair Medicine Institute

  **crisostomohair**

Rua Leonardo Mota, 2429 - Fortaleza-CE
85 3032.2020 - 0800 005 1020

Fortaleza | Recife | São Luís | Brasília | Lisboa
www.crisostomohair.com

SUZANE FARIAS

JOIAS QUE SÃO VERDADEIRAS OBRAS DE ARTE



Nascida em Fortaleza, Suzane Farias é um dos principais nomes do novo design cearense.

Formada em Direito, começou a produzir joias para seu próprio uso. No entanto, com o passar do tempo, o hobby virou paixão e o passatempo se transformou em uma nova e envolvente profissão. "Sou advogada e trabalhei na área por vários anos. Durante algum tempo na Justiça Federal e depois no escritório com meu marido, que também é advogado. O direito é uma área maravilhosa, com diversas oportunidades, mas eu sempre gostei das artes e de trabalhos manuais. Nas joias encontrei minha realização pessoal", revela Suzane.

Após intensa pesquisa e muito estudo, a designer criou, em 2004, sua primeira coleção. De imediato, a crítica e o público aclamaram o trabalho. Desenhos sinuosos, formas orgânicas, arte e arquitetura são elementos que podem ser encontrados em cada uma das peças produzidas. Feitas artesanalmente, cada uma delas é exclusiva. "Minhas joias são feitas artesanalmente, nada industrializado. Mesmo quando faço uma peça que já fiz antes, ela é feita à mão como a primeira, pois não trabalho com fundição, embora esteja começando a pensar em fazer algumas peças utilizando esse processo", diz a designer. Com relação aos materiais utilizados, ela conta que vão desde os mais tradicionais, como o ouro e a prata com texturas e pedras, até os mais inusitados, como sementes, tecidos, palha e vidro.

**AS PEÇAS DA
DESIGNER MESCLAM
DESENHOS SINUOSOS,
FORMAS ORGÂNICAS,
ARTE E ARQUITETURA**



De 2004 para cá, mais de dez coleções já foram lançadas. Anéis, brincos, pulseiras, colares e pendentes são alguns dos produtos. Como forma de homenagear grandes nomes cearenses, Suzane já lançou as coleções "Aldemir Martins" e "Lino Villaventura", ambas inspiradas nos trabalhos dos artistas. A designer atende clientes de todos os gostos e idades, entretanto, afirma que entre as principais estão noivas e debutantes. Quando questionada sobre o processo criativo, Suzane explica que tudo pode ser fonte de inspiração. Às vezes uma música, um quadro, uma paisagem ou mesmo uma viagem podem trazer o tema de uma coleção. "Não tenho uma regra específica para criar, tudo pode inspirar. Também não tenho um tempo estipulado para finalizar a coleção, dependendo da complexidade das peças, pode demorar de 4 a 8 meses", afirma.





SUZANE FARIAS É UM DOS PRINCIPAIS NOMES DO NOVO DESIGN CEARENSE

“NÃO TENHO UMA REGRA ESPECÍFICA PARA CRIAR, TUDO PODE INSPIRAR.”

Além de encantar o público cearense com suas peças, Suzane ainda comercializa seu trabalho na capital paulista, na Central de Designers, misto de loja e galeria que reúne trabalhos de designers de todo o país. Sobre a receptividade do mercado cearense aos artistas que trabalham com design de joias, ela revela: “O mercado cearense ainda está se adaptando à joia de design moderno. A maioria das pessoas ainda tem a visão da joia clássica, com materiais e formas tradicionais. A joalheria contemporânea ainda encontra um pouco de resistência, embora muitas pessoas adorem o design e o considerem tão ou mais importante que os materiais que compõem a peça”. Entre os projetos futuros estão uma exposição individual na Europa e a comercialização do trabalho fora do Brasil. ■



RODRIGO FROTA



EMPRESÁRIO, FOTÓGRAFO, ARTISTA PLÁSTICO, ESPORTISTA E AVENTUREIRO. EIS A PERFEITA DEFINIÇÃO DE RODRIGO FROTA, UM HOMEM QUE, APESAR DE VIVENCIAR DIVERSAS OUTRAS CULTURAS, SABE RECONHECER A PAIXÃO PELA SUA TERRA. EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, CONVERSAMOS SOBRE OS MAIS VARIADOS ASSUNTOS, MUITOS DOS QUAIS NECESSÁRIOS PARA QUE POSSAMOS ENTENDER OS CAMINHOS ESCOLHIDOS PELO JOVEM E PROMISSOR CEARENSE.

ESSE SEU ESPÍRITO AVENTUREIRO COMEÇOU CEDO? FALE SOBRE A SUA INFÂNCIA.

Nasci em Fortaleza e desde criança passava os finais de semana na fazenda da família. Ia durante as férias, e, em vários momentos, chegava a passar de duas a três semanas. Adorava andar a cavalo, caçar e pescar.

DEPOIS DE MORAR NO EXTERIOR, POR QUE VOCÊ DECIDIU VOLTAR AO BRASIL?

Morei três anos e meio na Suíça, mas se contabilizar quantas vezes minha mãe tentou me mandar para fora, vai minha adolescência inteira (risos). Minha paixão desde criança era por cinema, e minha família brincava me chamando de Rodrigo Spielberg. Adorava produzir filmes,



fazer telejornais fictícios, enfim... tudo que era relacionado à produção de vídeo. Quando fui morar fora, e estava perto de me graduar, por interesse impulsivo, apliquei para a Escola de Hotelaria de Lausanne, considerada uma das melhores do mundo. Quando me graduei na escola no exterior, estava decidido a morar fora, fazendo hotelaria ou cinema. Minha família insistiu que eu viesse ao Brasil para tirar um ano sabático, devido ao tempo que passei fora, e trabalhasse, ou tentasse vestibular, e depois voltasse ao exterior. Acabei vindo ao Brasil, me "reapaixonando" pela minha cidade e decidindo ficar.

COMO E QUANDO SURTIU ESSA RELAÇÃO COM OS ESPORTES DE AVENTURA?

Desde pequeno eu fazia esportes que tinham algum risco. Nunca fui bom de bola, então me dedicava a construir e inventar coisas novas, como fazer casa na árvore, mexer com marcenaria. A família também muito cedo viajava para esquiar na neve e acho que deve ter sido meu primeiro contato com um esporte diferente, pois aos quatro anos de idade aprendi a esquiar, e aos dez comecei no *snowboard*. Fui cedo morar fora do Brasil e comecei a competir no *snowboard*, e quando voltava de férias surfava.

E A FOTOGRAFIA, QUANDO DEIXOU DE SER UM HOBBY E PASSOU A SER UMA PROFISSÃO?

Comecei a fotografar aos 14 anos, e, ao voltar ao Brasil, já com 19 anos, estava fazendo um estágio na Unifor como assistente de marketing e acabei me tornando fotógrafo de lá. Depois abri uma produtora com amigos, e foi daí que comecei a expor e produzir comercialmente.



QUAIS OS LUGARES MAIS ESPECIAIS QUE VOCÊ JÁ FOTOGRAFOU?

Foram vários. Conheço hoje, se não me engano, 42 países, e acho que cada um tem sua particularidade. A minha preferência por cada um está no meu humor, às vezes quero estar em algum lugar, às vezes em outro, depende do momento. Mas um entre os que mais me interessam em fotografar é a Índia. Outros países interessantes que já fotografei são Myanmar (antiga Birmânia), Marrocos e Turquia.

VOCÊ DIZ QUE SUA FAMÍLIA É MUITO LIGADA ÀS ARTES. E A SUA RELAÇÃO COM A ARTE, COMO COMEÇOU?

Começou bem cedo, por causa da família, a paixão por arte. Visitava museus ainda criança e viajava para conhecer países históricos bem cedo. Na realidade, não lembro quando realmente se deu o início, mas acho que se intensificou quando a família comprou o primeiro quadro para colecionar.

FALE SOBRE A SUA RELAÇÃO COM O DESENHO E A ESCULTURA.

Comecei a desenhar ainda no colégio, bem novo. Eu tinha um grupo de colegas e adorávamos desenhar e criar gibis. Minha mãe sempre me dava de presente cadernos de desenho e estojos com lápis de cor quando viajava. Eu fazia questão de que ela trouxesse ou, quando estávamos viajando, de comprar livros de técnicas de desenho. A parte de pintura se intensificou mais quando fui morar fora, onde estudei artes, mas a escultura se deu somente quando voltei ao Brasil e minha mãe me convidou para aprender a esculpir em argila.





SE JÁ NA ÉPOCA EM QUE MOROU FORA OU DURANTE AS INÚMERAS VIAGENS QUE REALIZA, QUAIS AS PRINCIPAIS VANTAGENS DE PODER VIVENCIAR TANTAS OUTRAS CULTURAS ?

Acho que é simplesmente a de poder entender um pouco do que a vida é feita. E por mais que eu corra atrás, a única coisa que sacia a minha curiosidade é a experiência. Seja ela boa ou ruim, é o que a vida nos dá. Quanto mais me aventuro no mundo, mais eu me engrandeço e entendo o porquê e o que fazemos aqui durante a vida que nos é dada.

PARA VOCÊ, O BRASIL É UM PAÍS QUE VALORIZA A ARTE E SEUS ARTISTAS ?

Eu acho que somos e temos um grande potencial artístico em relação ao mundo, e que cada dia

que passa mais cresce. A arte está cada vez mais acessível pelos diversos meios de comunicação, mas ainda temos muito chão para chegarmos a ser um país com fazer artístico sustentável e equilibrado. Os estados trabalham individualmente, e fortemente podemos ver que os artistas e a arte são mais valorizados nos dois polos do comércio de arte, que são Rio de Janeiro e São Paulo. O resto do Brasil sofre sozinho com falta de investimento por parte empresarial e do governo. Mas, em relação a talentos, temos em todo o Brasil um time de grandes artistas que ficarão em anonimato até serem descobertos. Em suma, estamos, com certeza, em um país em que todos falam de arte, mas poucos valorizam a arte como ela realmente deveria ser valorizada. █

QUANTO MAIS ME AVENTURO NO MUNDO, MAIS EU ME ENGRANDEÇO E ENTENDO O PORQUÊ E O QUE FAZEMOS AQUI DURANTE A VIDA QUE NOS É DADA



FRANCISCO BRENNAND

FILHO DE PERNAMBUCANOS, BRENNAND PAUTOU SUA OBRA EM
ESCULTURAS DISFORMES, PRODUZINDO UM CONJUNTO SINGULAR QUE
SEDUZ O OLHAR PELA HARMONIA DAS FORMAS



NO DETALHE, PEÇA DO MUSEU-OFICINA FRANCISCO BRENNAND, PATRIMÔNIO INESTIMÁVEL CONSIDERADO UM LUGAR ENCANTADO

Falar sobre Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand é falar sobre arte em sua forma mais genuína, é sentir orgulho de ter no Brasil artista com talento que perpassa o tempo e a moda.

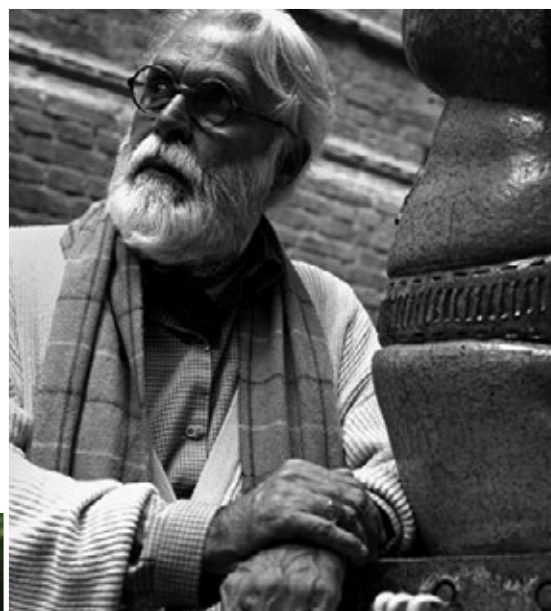
Nascido em Recife (PE), em 1927, Brennand é filho de Ricardo de Almeida Brennand e Olímpia Padilha Nunes Coimbra. Dez anos antes de seu nascimento, a família de Brennand cria nas terras do antigo Engenho São João da Várzea, no Recife (recebidas por conta de uma

herança), a Cerâmica São João. De início, Brennand nem poderia imaginar a importância desse lugar para o desenvolvimento de seu trabalho. Durante a adolescência conheceu a obra do escultor Abelardo da Hora e começou a tomar gosto pelo desenho e pela literatura. Colega de classe de Ariano Suassuna, foi convidado por ele, em 1945, para ilustrar os poemas publicados no Jornal Literário do colégio, organizado por Suassuna. A partir daí, o talento de Brennand começou a

ser reconhecido e suas habilidades passaram a ser apreciadas. Filho de uma tradicional família pernambucana, seguiu a regra normal: foi mandado pelos pais para estudar na Europa. Aos 22 anos, a ideia que tinha de arte ainda era muito vaga, ou melhor, a arte não era vista por ele em sua totalidade. Para se ter uma ideia, Brennand não conseguia enxergar as diversas possibilidades proporcionadas pela cerâmica. Além disso, para ele, pintura só em óleo sobre tela e escultura somente com o mármore de Carrara.



Logo na primeira semana na capital francesa, foi convidado pelo pintor Cícero Dias a visitar uma exposição de cerâmicas de Pablo Picasso. Pode-se dizer que foi neste instante que Brennand percebeu a grandiosidade do que havia deixado no Recife. Além de Picasso, descobriu que artistas como Braque, Chagall, Gauguin e Joan Miró também eram ferrenhos defensores da cerâmica e a utilizavam na confecção das mais belas peças. Em alguns depoimentos, Brennand chegou a dizer que teve vergonha por, na época, ter uma mente tão retrógrada e pensamentos tão tolos. Segundo ele, ficou desmoralizado por ter rejeitado a cerâmica, produto fabricado com maestria por seu pai. Logo que voltou da Europa, em 1953, decidiu que iria recuperar o tempo que havia perdido.



FRANCISCO BRENNAND
um dos maiores expoentes da escultura nacional



ESCULTURAS DO ARTISTA EXPOSTAS EM SUA OFICINA, RODEADAS POR UMA EXUBERANTE PAISAGEM NATURAL

BRENNAND DESCOBRIU A GRANDIOSIDADE E O ENCANTO PROVOCADO PELA CERÂMICA. FOI AÍ QUE PASSOU A SE DEBRUÇAR MAIS SOBRE O TEMA

Dessa forma, além de pintar, com linhas simplificadas e cores puras, quadros com flores e frutos que pareciam flutuar no espaço pictórico, Brennand descobriu a grandiosidade e o encanto provocado pela cerâmica. Foi aí que passou a se debruçar mais sobre o tema. Durante uma passagem por Barcelona, na década de 1950, descobriu a beleza dos trabalhos de Antoni Gaudí, com formas sinuosas e o uso da tradicional técnica catalã do trencadís. Em 1952, decidiu que precisava se aprofundar bem mais nos processos da cerâmica, já que o mundo que havia



sido apresentado a ele parecia bem maior do que um dia havia imaginado. Naquele ano, iniciou um estágio em uma fábrica de majólicas na cidade de Deruta, na província de Perúgia, na Itália. Durante esse estágio, começou a ter um contato maior com a arte dos ceramistas, aprendendo, entre outras coisas, como era realizado o manuseio dos esmaltes cerâmicos e como ocorrem as queimas sucessivas das peças nas mais variadas temperaturas. Para se ter noção, depois que é modelada, a obra entra em uma fomalha com 1.400 graus de temperatura. Cada peça fica exposta ao calor durante 24 horas, retornando ao fogo diversas vezes até chegar ao ponto em que fica semelhante a uma rocha vulcânica. É esse processo o responsável pela enorme variedade de cores e texturas com que as peças podem se apresentar.



"BANDEJA COM 12 PEQUENOS AZULEJOS", CERÂMICA ESMALTADA (1927)

Em novembro de 1971, Francisco Brennand decidiu, mais uma vez, que era chegado o momento de escrever outro capítulo da sua história. Para tanto, optou por reconstruir a velha cerâmica São João da Várzea, que havia sido fundada por seu pai. O que tinha sido encontrado quase em ruínas passou a ser sinônimo de magnitude, já que no lugar o artista criou um gigantesco projeto de esculturas cerâmicas. Atualmente o local, chamado de Oficina Cerâmica Francisco Brennand, abriga mais de 2 mil peças produzidas pelo artista e

é um dos principais pontos turísticos do Recife. O jardim, imponente e ao mesmo tempo com uma força e uma delicadeza fascinante, foi projetado por Roberto Burle Marx. No lugar, os visitantes ainda dispõem de uma lanchonete, chamada de Cantina dos Deuses, e de uma loja, a Brennand Café (loja, café e restaurante), onde podem encontrar livros sobre o artista, peças cerâmicas, cartões-postais e serigrafias. Até hoje Brennand utiliza o barro selecionado por seu pai em prospecções realizadas em diferentes regiões do Nordeste, especialmente o barro

encontrado na cidade piauiense de Oeiras. As obras do artista possuem uma beleza única e grande parte delas apresentam o caráter de totems. Algumas de suas esculturas estão ligadas diretamente a rituais de fertilidade e de culturas arcaicas, apresentando um caráter fortemente sexual. Outras, porém, expõem criaturas aterrorizantes, monstros e seres deformados, revelando um viés altamente trágico. Brennand é um desses artistas que procuram, a cada novo trabalho, se reconstruir e redescobrir seu talento. ■



PALÁCIO DA ABOLIÇÃO

QUANDO ARTE, CULTURA E HISTÓRIA SE ENTRELAÇAM

Impopular e atemporalidade. Eis as duas principais características observadas ao nos depararmos com o Palácio da Abolição, um dos mais emblemáticos prédios da capital cearense, localizado na Avenida Barão de Studart. Ao contrário do que muitos podem pensar, o Palácio

da Abolição não compreende apenas o prédio principal. Na realidade, o que ocorre é a formação de um grande conjunto com o Mausoléu Castelo Branco (solicitado pelo governador Plácido Castelo por ocasião do quinto aniversário de morte do presidente cearense), a capela e o anexo.

FOTOS: ESDRAS GUIMARÃES

A área total, de aproximadamente 4.000 m², que ocupa quase três quadras, possui frentes para a Avenida Barão de Studart e para as ruas Tenente Benévolo, Silva Paulet e Deputado Moreira da Rocha. Para compreender sua importância, em 2004, por ser exemplar típico do Movimento Moderno da arquitetura brasileira, o conjunto arquitetônico foi tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado do Ceará.

O INÍCIO

Nos idos de 1960, o governador Parsifal Barroso, com o intuito de construir um local para funcionar como sede do Governo do Estado, solicitou ao talentoso arquiteto carioca Sérgio Bernardes um projeto. O nome Palácio da Abolição não foi escolhido à toa. Seu principal objetivo era marcar o pioneirismo cearense na libertação dos escravos.



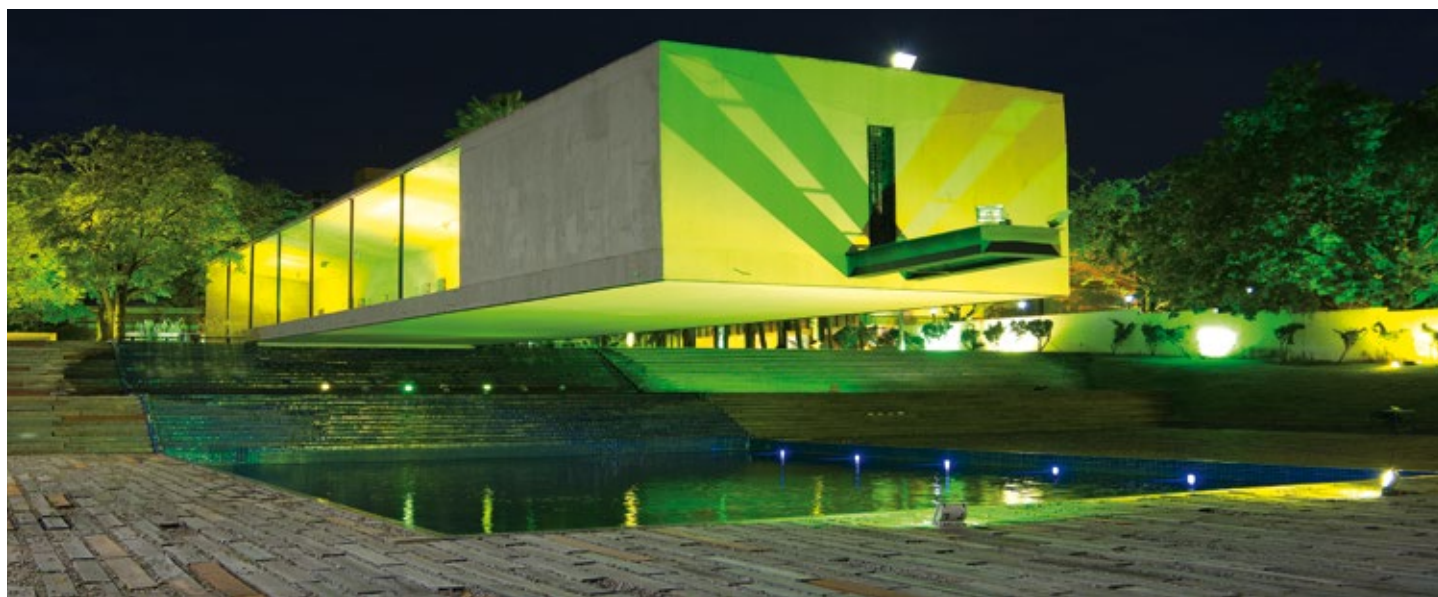
Os anos de 1962 e 1965 foram de grande importância. No primeiro, foi lançada a pedra fundamental, enquanto no segundo, o então governador Virgílio Távora deu início às obras físicas em terreno desapropriado de Carlos Gracie. Para que todo o projeto fosse realizado sem surpresas, os engenheiros José Alberto Cabral e Rui Filgueiras Lima acompanharam o processo bem de perto. A Peroba, o mármore Cinza Biré e pedras do Piauí e da Paraíba foram os materiais utilizados no acabamento que mais se destacaram.

O arquiteto Sérgio Bernardes desenvolveu um projeto bem ao estilo modernista, com aço e concreto em destaque e varandas circundando todo o prédio principal. Burle Max foi a grande inspiração do carioca Fernando Chacel, um dos mais prestigiados paisagistas brasileiros, para a elaboração dos jardins. Para se ter ideia da beleza do lugar, além de um riacho artificial, com água corrente constantemente bombeada, é possível encontrar um grande número de plantas nativas. Em 4 de julho de 1970 ocorreu a inauguração oficial. Dessa maneira, a sede do Poder Executivo do Estado do Ceará foi transferida do Palácio da Luz, situado no Centro, para o recém-inaugurado Palácio da Abolição.



O NOME PALÁCIO DA ABOLIÇÃO NÃO FOI ESCOLHIDO À TOA. SEU PRINCIPAL OBJETIVO ERA MARCAR O PIONEIRISMO CEARENSE NA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

O edifício do Palácio, bem como o bloco dos anexos administrativos, foi idealizado tendo como principais elementos pórticos estruturais, compostos de duplos tubos de aço pintados de preto, todos dispostos em série e distribuídos paralelamente no sentido longitudinal dos blocos. As varandas, situadas no piso superior, são recobertas com guarda-corpos de madeira em formato de bancos e, na cobertura, telhas de amianto em cinco águas, com calhas longitudinais entre elas. Com exceção da área residencial, que possui tábua corrida, todo o revestimento do piso é em mármore cinza.



REFORMAS

Apesar da beleza do local e dos mais nobres materiais utilizados em sua construção, o tempo não dá tréguas. Com o passar dos anos, a estrutura foi ficando desgastada e a necessidade de reformas ficando mais urgente. 2009 foi o ano em que toda a área do Palácio começou a ser reformada. Entre as novidades estavam: central de monitoramento; auditório no subsolo com capacidade para 132 pessoas; galeria de arte, que é uma das sedes com maior número de pinturas de artistas locais e nacionais no

Ceará; sala de espera; biblioteca e salão de eventos voltados para uso público e eventos culturais e turísticos. Não bastasse tudo isso, ainda foram feitas melhorias na subestação de energia, nas escadas, na passarela, nos jardins, nas rampas, no estacionamento e na bela capela encontrada no Palácio. Ainda foram construídas duas portarias: uma na Avenida Barão de Studart - para autoridades - e outra na Rua Silva Paulet - para funcionários e convidados. No total, 7.641,71 metros quadrados do complexo

receberam melhorias. Em 2011, o Palácio da Abolição foi oficialmente reinaugurado, no dia 25 de abril, data em que se comemora a Libertação dos Escravos no Ceará. Atualmente, o primeiro pavimento abriga o gabinete do governador, do secretário-chefe da Casa Civil e do chefe de gabinete do governador. No prédio anexo estão instalados os setores administrativos do gabinete, da Casa Civil e da Casa Militar. Ao longo de todos esses anos, o lugar continua sendo um vislumbramento aos olhos e uma homenagem à arte. █

PALÁCIO DA ABOLIÇÃO
AVENIDA BARÃO
DE STUDART, 410 - Meireles
Fortaleza-Ceará

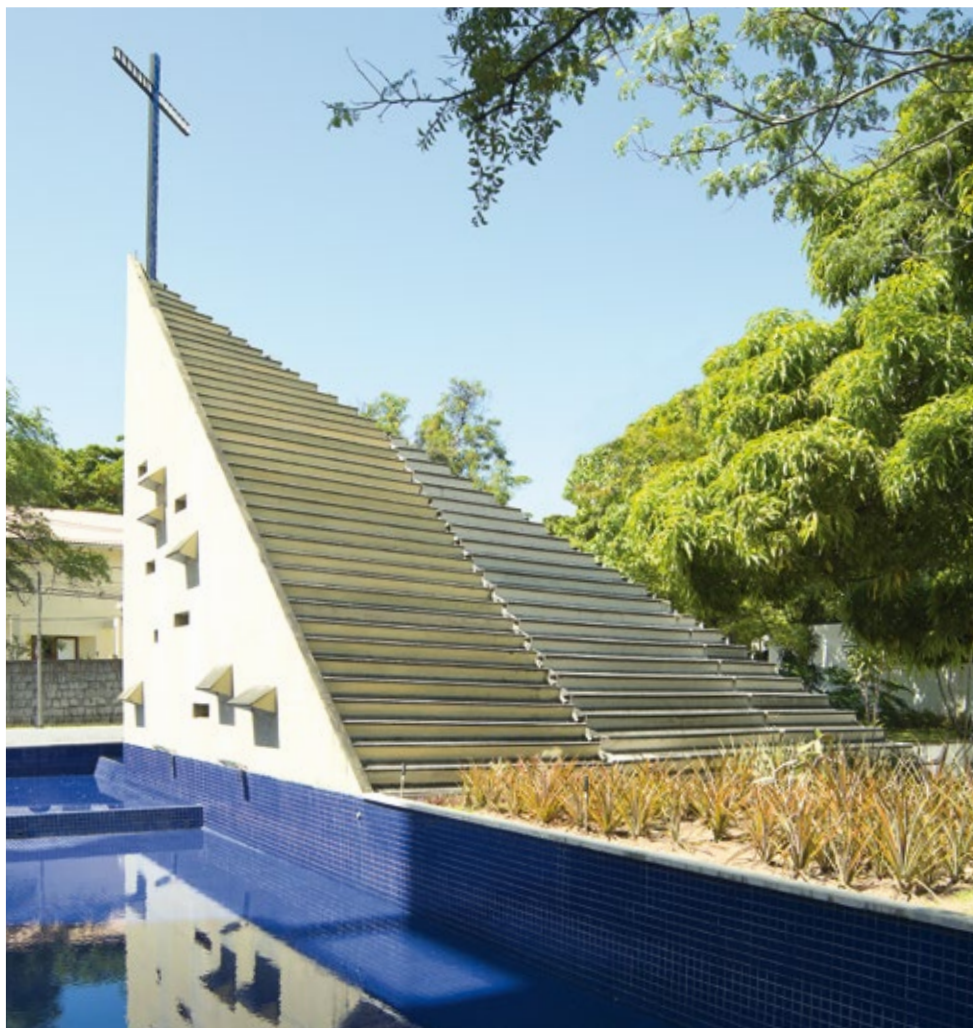
HORÁRIOS DAS VISITAS

MANHÃ

8h30 às 9h30 (reservado para turistas e/ou residentes)
10h30 às 11h30 (reservado para estudantes e/ou residentes)

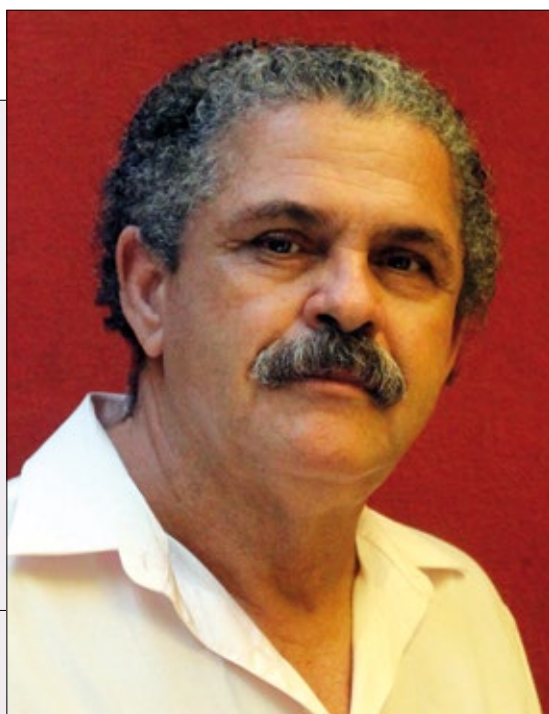
TARDE

14h às 15h (reservado para estudantes e/ou residentes)
16h às 17h (reservado para turistas e/ou residentes)

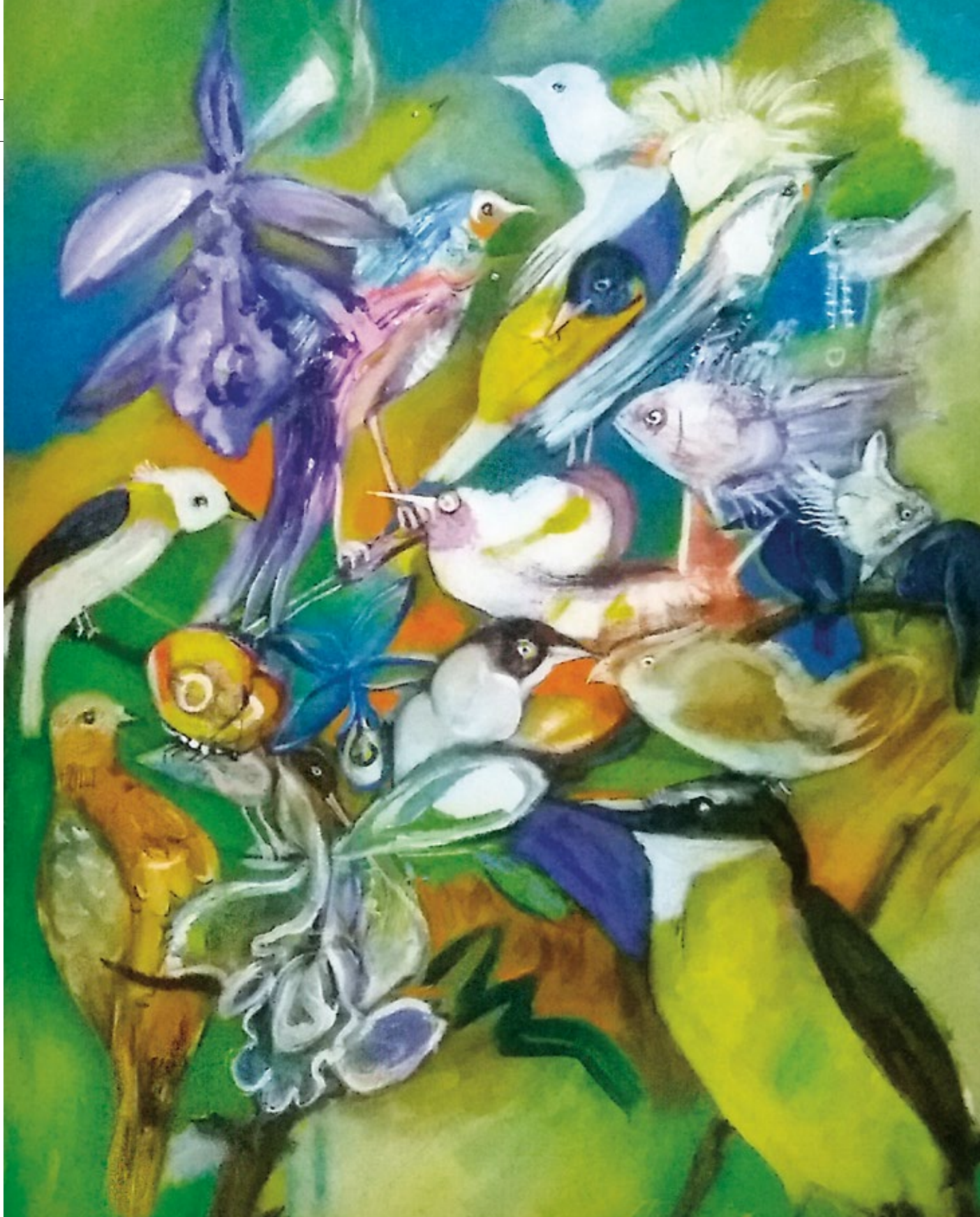


CLAUDIO CESAR

DESCRACIONISTA, É ASSIM QUE O ARTISTA DEFINE SUA OBRA



Cinco minutos de conversa são suficientes para perceber que Claudio Cesar é uma das pessoas mais simpáticas e carismáticas que você irá conhecer na vida. A simplicidade talvez esteja entre as maiores qualidades desse artista carioca que escolheu o Ceará como seu lugar. “Vim para o Ceará passar férias. Gostei e por aqui fiquei, e olha que não tinha nenhum parente morando no estado”, lembra. Formado em Direito, Claudio revela que tinha forte déficit de atenção, o que o atrapalhava bastante no exercício da profissão. “Só me concentrava nas atividades artísticas. Para se ter ideia, era comum me distrair durante as aulas de Direito na faculdade e passar tempos desenhando nas capas dos processos”, conta. Aos 18 anos, após estudar em cursos de desenho básico e de desenho de publicidade, o jovem chegou à conclusão de que, para ser feliz de verdade, precisava fazer o que o coração mandava.



DETALHE DA OBRA DO ARTISTA

Foi então que decidiu que deixaria o Direito de lado e seria artista. O tempo passou e Claudio conseguiu, com determinação e extrema dedicação, ser um dos nomes mais reconhecidos do Brasil. Suas três principais vertentes são a pintura, o desenho e a escultura. “Desenho e pintura são os trabalhos que mais faço, no entanto, também sou apaixonado por escultura. Tenho até uma escultura no trevo de entrada da Prainha, no município de Aquiraz. Também já tive diversas esculturas expostas na Casa Cor Ceará”, revela. Descricionista é como Claudio define sua arte. Ao explicar o significado, afirma que gosta de contar histórias e estórias, gosta de fazer rir e, principalmente, pensar. “Sou um pintor expressionista, com um pouco de ecletismo. Não sei ficar muito tempo fazendo e vivendo só uma fase de trabalho”, assevera. Seus trabalhos são conhecidos por retratar o cotidiano. Seu talento, no entanto, faz com que esse cotidiano

seja mostrado de uma forma absolutamente diferente e encantadora. Seus temas passeiam por diversos elementos próprios da condição humana, tais como: humor, drama, erotismo, solidão, o belo e o feio. Suas obras são cheias de vida e, por vezes, fazem uma mescla entre o pitoresco e o deboche. Aveso a regras e limitações, a arte de Claudio Cesar é marcada por uma ruptura com o tradicional. Seus trabalhos são livres de rótulos e não seguem nenhum tipo de tendência de moda, por isso mesmo, têm como característica essencial a atemporalidade. “Pinto com verdade, emoção e dedicação. Amo e tenho orgulho do que faço. Quero poder continuar fazendo isso e vivendo com dignidade do meu trabalho”, ressalta. Um de seus painéis mais conhecidos está localizado no hall de entrada do plenário da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Nele, é possível enxergar bem aquilo que o artista deseja retratar: um misto

entre ironia e humor, entre misticismo e rebeldia. Ou seja, somos um povo livre de rótulos e avesso às limitações.

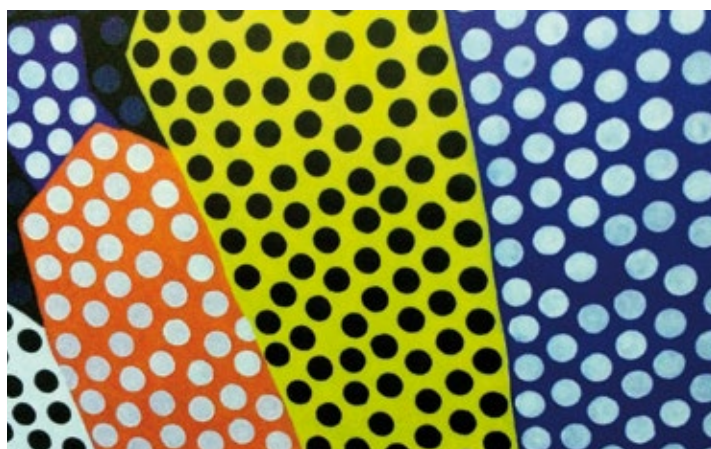
Nos últimos 14 meses, Claudio realizou três mostras individuais de pintura em Portugal, Itália e Cabo Verde, além de algumas coletivas em Fortaleza. Em outras ocasiões, já apresentou seu trabalho em diversos estados brasileiros e também nos Estados Unidos e na França. Sua mais recente exposição, intitulada “Sentimentos”, foi inaugurada em janeiro de 2016, na Ilha do Fogo, em Cabo Verde. Com mais de 20 anos de carreira, o artista coleciona diversos prêmios: menção honrosa no 49º Salão de Abril e 1º lugar no VI Projeto Navegarte são apenas alguns deles. Humilde e com uma maneira totalmente própria de enxergar o mundo, Claudio Cesar é um desses personagens únicos, que nos enchem de orgulho e nos deixam sempre à espera dos próximos trabalhos. ■



CASA COR CEARÁ

MOSTRA, QUE HÁ 18 ANOS VALORIZA
A ARTE CEARENSE, REÚNE O MELHOR
DO ESTADO EM ARQUITETURA E
DECORAÇÃO DE AMBIENTES COM
TOQUES REGIONAIS

Todos os anos, durante o segundo semestre, a cidade de Fortaleza é palco de um dos mais importantes e renomados eventos de arquitetura, arte e design do Brasil: a Casa Cor Ceará. Tudo começou no ano de 1999, quando três mulheres empreendedoras e destemidas decidiram dar asas ao antigo sonho de trazer para a capital cearense uma das mais benquistas franquias brasileiras. As irmãs e empresárias cearenses Neuma e Nereide Figueirêdo e a fazendeira, pecuarista e empresária mineira Maria Neusa de Oliveira decidiram viajar até São Paulo em busca da tão almejada patente. Logo no primeiro ano, o evento teve grande repercussão. O endereço escolhido foi a rua João Cordeiro, número 1100, no bairro Aldeota. A propriedade pertencia a Valman Castro de Miranda e havia sido a antiga residência de Constança Távora. "Eu e Nereide tínhamos uma amizade pessoal com a Xuxa (uma das homenageadas do primeiro evento), por isso, ela fez questão de vir a nossa inauguração.



ESQ./DIR. DETALHES DAS OBRAS DE RIAN FONTENELE, SÔNIA CAVALCANTE, VERA PASSOS, ROBERTO GALVÃO E ASCAL

18 ANOS DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA



1999 R. JOÃO CORDEIRO, 1100 - ALDEOTA



2000 R. TIBÚRCIO CAVALCANTE, 500 - ALDEOTA



2001 R. LEONARDO MOTA, 2300 - D. TORRES



2002 AV. DES. MANUELS. DE ANDRADE, 106 - E. QUEIROZ



2003 R. TIBÚRCIO CAVALCANTE, 398 - ALDEOTA



2004 R. DEP. MOREIRA DA ROCHA, 1200 - MEIRELES



2005 R. OSVALDO CRUZ, 1500 - ALDEOTA



2006 R. DALVA RODRIGUES, S/N - DUNAS



2007 R. DR. JOÃO MOREIRA, 143 - C. HISTÓRICO



2008 R. AUGUSTO J. BENEVIDES, 1100 - E. QUEIROZ



2009 R. VISCONDE DE MAUÁ, 1000 - ALDEOTA



2010 AV. BARÃO DE STUDART, 2917 - J. TÁVORA



2011 AV. ALM. TAMANDARÉ, 22 - P. DE IRACEMA



2012 PRAÇA PORTUGAL, 777 - ALDEOTA



2013 AV. RUI BARBOSA, 869 - ALDEOTA



2014 AV. BARÃO DE STUDART, 598 - MEIRELES



2015 AV. BARÃO DE STUDART, 598 - MEIRELES



2016 R. GENERAL SAMPAIO, 1632 - CENTRO



NEUMA FIGUEIRÊDO
DIRETORA CASACOR CEARÁ

Nereide integrou a equipe até o ano de 2002. Maria Neusa continuou dividindo a organização com Neuma até 2010. Após esse tempo, Neuma Figueirêdo reformulou toda sua equipe e passou a ser a diretora-geral da Casa Cor Ceará. De acordo com ela, um dos intuitos principais é fazer com que o público encontre um jeito agradável de morar, adequando sempre ao seu gosto e bolso. "Costumo dizer que a Casa Cor é uma fábrica de sonhos, no entanto, sonhos realizáveis", ressalta.

Acada edição, cerca de 1.200 empregos, diretos e indiretos, são criados, o que movimenta a economia do Estado. Outro ponto que merece destaque diz respeito aos imóveis escolhidos. Muitos estão fechados

há anos, sem nenhum tipo de uso. Com todas as obras e melhorias feitas para abrigar o evento, é comum que alguns deles, após a mostra, passem a ter uso definido e acabem funcionando como uma grande vitrine para a cidade. A parte social também é vista com atenção. A cada ano, instituições beneficentes da cidade são auxiliadas. Além de ajudar diretamente essas organizações, a Casa Cor Ceará, juntamente com parceiros e profissionais, também se preocupa com a comunidade do entorno, doando material, tanto para melhorias nas casas dos moradores como para obras públicas. Além disso, o evento também é visitado gratuitamente por alunos das redes municipais e estadual de ensino.

Com isso, obtivemos destaque em diversos veículos da mídia nacional. Tivemos a sorte de começar de forma grandiosa", revela Neuma Figueirêdo.

Na época, Fortaleza ainda estava engatinhando, não existiam grandes marcas e *showrooms* no mercado de decoração. Além disso, os profissionais que se dedicavam a esse tipo de evento ainda eram poucos. Apesar das dificuldades, o pontapé inicial para uma das principais mostras de arte havia sido dado com enorme sucesso. Participaram da primeira edição 74 profissionais, responsáveis pelo projeto de 49 ambientes.

O desejo das três idealizadoras sempre foi valorizar o que "é da terra", sendo assim, juntamente com o Sebrae e o Governo do Estado, criaram um prêmio para os ambientes que valorizam o artesanato, o design e o artista nativo. Até hoje, todos os ambientes criados possuem toques regionais, com a mescla de elementos vindos de outras partes do país.

LOJA COR DA CULTURA CASA COR CEARÁ 2016



A Casa Cor Ceará não é somente uma mostra de arquitetura, decoração e paisagismo, hoje ela é um marco no calendário cearense. Shows com artistas consagrados, diversas lojas e restaurantes são algumas das opções para os visitantes. Como não poderia deixar de ser, a arte e todos os seus desdobramentos também são fontes de inspiração para o evento. Quadros e esculturas, muitos deles feitos especialmente para a iniciativa, alguns por artistas já consagrados, outros por nomes que estão começando a trilhar sua estrada, encantam o olhar do público.

GRAZ LOUREIRO



SOLAR BARÃO DE CAMOCIM, CASA COR CEARÁ 2016

A cada ano, exposições de arte também são organizadas e dão o tom de beleza e refinamento. Os artistas plásticos Bruno Pedrosa, Nice Firmeza, Nilo de Brito Firmeza (Estrigas) e Aldemir Martins, o cantor Raimundo Fagner e o estilista de alta-costura Lino Villaventura foram algumas das personalidades já homenageadas e que tiveram a oportunidade de mostrar sua história de sucesso e, principalmente, de amor à arte.

Em 2016, para comemorar os 30 anos da Casa Cor no Brasil e o aniversário de 290 anos de Fortaleza, a Casa Cor Ceará veio com intuito de celebrar. Nesse ano, o local escolhido para abrigar o evento foi o Palacete do Barão de Camocim, localizado em frente à praça Clóvis Beviláqua, imóvel construído em 1880 e tombado pela Prefeitura de Fortaleza em 2007. O Palacete abrigou 35 ambientes internos e externos, o que totalizou 3.415 metros quadrados. A mostra é uma das maiores e mais consagradas do Ceará. ■

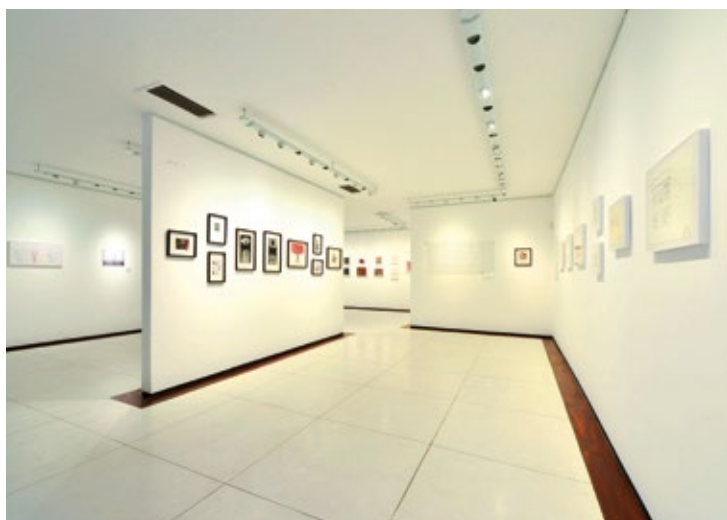
GALERIA MULTIARTE

UM ESPAÇO PARA VIVER E REVIVER A ARTE

**AO LONGO DE 29 ANOS
FORAM PUBLICADOS
INÚMEROS CATÁLOGOS,
COM MAIS DE 800
IMAGENS DE OBRAS
DE ARTE**

Artistas como Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Iberê Camargo, Cícero Dias, Raimundo Cela, Antônio Bandeira e Bruno Giorgi foram apenas alguns dos que tiveram seus trabalhos expostos na Galeria Multiarte, criada em 1987, com o objetivo de difundir a arte mundial. Ao longo de 29 anos foram publicados inúmeros catálogos, com mais de 800 imagens de obras de arte, constituindo uma coleção de grande valor bibliográfico e artístico, que tem sido constantemente citada em publicações especializadas. A Galeria possui uma diversidade de público, envolvendo colecionadores, artistas, professores, estudantes, gestores de cultura e interessados em geral.





A PARTIR DO CALENDÁRIO QUE A CIDADE OFERECE, A GALERIA, JUNTO A SEUS GRUPOS DE ESTUDO, ORGANIZA VISITAS À MEDIDA QUE AS INSTITUIÇÕES E ESPAÇOS PROMOVEM EVENTOS E EXPOSIÇÕES.

Ao longo do tempo, importantes alianças foram sendo firmadas. Em 1988, através de parceria com a Universidade de Fortaleza, Fundação Edson Queiroz, a Galeria Multiarte realizou o Ciclo de Estudos e Debates Culturais, que foi sucesso de público. Como forma de continuar a ação, foram realizadas diversas palestras e encontros, sediados na Galeria, com nomes relevantes do cenário artístico, dentre os quais os artistas Rubens Gerchman, Waltércio Caldas, Efraim Almeida, Lêda Catunda e os professores, como Fernando Cocchiarale, curador do MAM-RJ (2016); Marcelo Campos, diretor da Casa França-Brasil, RJ (2016); Agnaldo Farias, curador da 29ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (2010); e Sergio Martins, crítico de arte e professor da PUC-Rio.

Em 2015, o professor e pesquisador Charles Watson decidiu realizar na Galeria um programa de workshops intitulado "O Processo Criativo". Tendo como público-alvo profissionais que utilizam a criação/criatividade como matéria-prima em suas atividades, entre eles profissionais do marketing, design, moda e arquitetura, a iniciativa foi bem aceita e a Multiarte, mais uma vez, foi destaque. Max Perlingeiro é curador e organizador da exposição Coleção Airton Queiroz, uma exposição de peso nacional que mostra a importância do colecionismo e a generosidade do colecionador, contando também uma história da arte desde o século XVI até a

arte contemporânea, com obras singulares dos principais artistas de cada época no Brasil e no mundo. Com dedicação e entusiasmo, a Multiarte vem organizando formalmente parte dos importantes acervos da cidade, a citar: Banco do Nordeste, Fundação Edson Queiroz e relevantes coleções privadas de Fortaleza, participando ainda do levantamento de patrimônio artístico da Universidade Federal do Ceará.

GRUPOS DE ESTUDOS

Desde 2011, a Galeria Multiarte realiza encontros e diálogos no formato de grupos de estudos. São abordagens diversas que se propõem a direcionar um olhar para a arte através de um pensamento que dialoga com a imagem, a história, a crítica, o processo de criação e a filosofia da arte. Os grupos têm como fundamento a ideia de encontro, ou seja, um ambiente de envolvimento com a arte inserido em um espaço do circuito, a galeria. Nesses encontros o objetivo é criar um intervalo, uma pausa entre a vida cotidiana, o papel que se desempenha na sociedade local e os afazeres profissionais para acrescentar a vida, o sensível e é claro, a arte.

DIÁLOGO COM A CIDADE

Outra ação de formação proposta pela Galeria diz respeito à ativação de percursos nos espaços do circuito de arte de Fortaleza. A partir do calendário que a cidade oferece, a Galeria, junto a seus grupos de estudo, organiza visitas à medida que as instituições e espaços promovem eventos e exposições. O grande intuito é o de fazer com que os participantes circulem e dialoguem com outras instâncias da cidade, sejam elas públicas ou privadas, para além da dimensão da galeria. ■



MUSEUS NORDESTINOS

A REGIÃO NORDESTE É UMA EXCELENTE OPÇÃO PARA QUEM DESEJA CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE O VASTO MUNDO DA ARTE BRASILEIRA. A SEGUIR, PREPARAMOS UM GUIA BÁSICO COM ALGUNS DOS PRINCIPAIS MUSEUS. APROVEITE AS DICAS!

ALAGOAS

Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore

Endereço: Avenida da Paz, 1490, Centro - Maceió - AL

Telefone: (82) 3221-2651

Horário de funcionamento: terça a sexta, das 9 às 12 horas e das 14 às 17 horas / sábado e domingo, das 15 às 18 horas



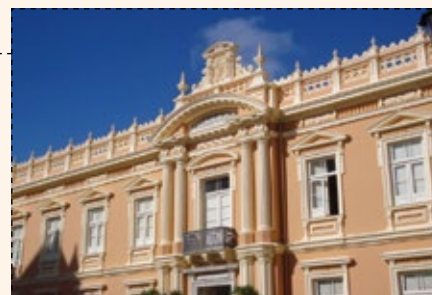
BAHIA

Museu Afro-Brasileiro (Mafro)

Endereço: Praça XV de Novembro, s/n - Prédio da Faculdade de Medicina, Terreiro de Jesus, Centro Histórico - Salvador - BA

Telefone: (71) 3283-5540

Horário de funcionamento: segunda a sexta, das 9h às 17h30 / sábado, das 10 às 17 horas



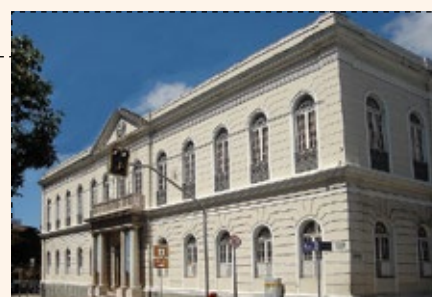
CEARÁ

Museu do Ceará

Endereço: Rua São Paulo, 51, Centro - Fortaleza - CE

Telefone: (85) 3101-2610

Horário de funcionamento: terça a sábado, das 9 às 17 horas





MARANHÃO

Museu de Artes Visuais

Endereço: Rua Portugal, 273, Praia Grande - São Luís - MA

Telefone: (98) 3218-9938

Horário de funcionamento: terça a sexta, das 9 às 18 horas /
sábado e domingo, das 14 às 18 horas



PARAÍBA

Museu Assis Chateaubriand (MAC)

Endereço: Rua João Lélis, 581, Catolé - Campina Grande - PB

Telefone: (83) 3337-3637

Horário de funcionamento: segunda a sexta, das 13h30 às 19 horas
(entrada até as 18h30)



PERNAMBUCO

Museu do Sertão

Endereço: Rua Esmelinda Brandão, s/n, Centro - Petrolina - PE

Telefone: (87) 3862-1943

Horário de funcionamento: terça a domingo, das 9 às 17 horas





PIAUÍ

Museu do Piauí - Casa de Odilon Nunes

Endereço: Rua Areolino de Abreu, 900, Centro de Teresina (próximo à Praça Rio Branco)

Telefone: (86) 3221-6027

Horário de funcionamento: terça a sexta, das 7h30 às 17h30 / sábado e domingo, das 8 às 12 horas



RIO GRANDE DO NORTE

Museu do Vaqueiro

Endereço: Fazenda Bom Fim, s/n, Zona Rural de São José de Mipibu (Lagoa do Bonfim) - RN

Telefones: (84) 9424-9373 / 9406-9454

Horário de funcionamento: terça a domingo, das 9 às 17 horas



SERGIPE

Museu Galdino Bicho (MGB)

Endereço: Rua Itabaianinha, 41, Centro - Aracajú - SE

Telefones: (79) 3261-1435 / 3214-8491

Horário de funcionamento: segunda a sexta, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas / sábado, das 9 às 12 horas



**CON
TEM
POR
ARTE**
galeria



DESCONCRETO XXVIII
por Marco Ribeiro.

Nanquim sobre papel
50 cm x 65 cm.

CADEH JUAÇABA DIEGO DE SANTOS MARCO RIBEIRO
RAFAEL LIMAVERDE TULIO PARACAMPOS

GALERIA CONTEMPORARTE
Rua Vilebaldo Aguiar, 300. Fortaleza - CE
de segunda a sexta, das 10:00h às 19:00h | (85) 3023-2001
contemporarte.com.br | contato@contemporarte.com.br

Justiça. Nossa grande arte.



PAULO
QUEZADO
advocacia



facebook.com/paulo.quezado



@pauloquezado



85 3265.8700

FÁBULA DAS TRÊS ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES SOBRE O
LOCAL E O UNIVERSAL

**“SE QUERES SER
UNIVERSAL, COMEÇA POR
PINTAR A TUA ALDEIA.”**

Essa frase, escrita no século XIX pelo romancista russo Leon Tolstói, é uma das mais célebres da literatura de todos os tempos.

Ela não é, contudo, uma lição vulgar de simplicidade, mas uma elegante formulação sobre a natureza da criação e sobre o modo como o artista se apropria da realidade para construir significados. A associação entre a ideia de universalidade e o termo “aldeia” é, portanto, autoevidente. Um quadro, por exemplo, quando busca retratar aquilo que é caro e próximo ao artista (e quando o faz de maneira exemplar), resulta capaz de comover o público, ainda que esse público não tenha nenhuma relação afetiva prévia com aquilo que é retratado. Dizendo de forma mais simples: é por meio do elemento local, regional, que mais facilmente se atinge o sentido universal.

De fato, o que Tolstói ensina, ainda, é que, antes de tentar ser universal, o artista deve preocupar-se em ser genuíno. Isso se dá, via de regra, por meio de suas reminiscências, seus afetos – elementos difusos e intangíveis que, metonimicamente, são representados por objetos ligados a um lugar e a um tempo específicos. Objetos que o espectador entende, nos quais de forma intuitiva se reconhece. Não se trata aqui, portanto, do termo *local/regional* no sentido vulgar de *típico/exótico*, pois o espectador não se sente ligado à obra por mera curiosidade, mas por uma profunda comunhão de sensações e sentimentos.

Um notável exemplo desse processo é o de Marc Chagall (1887-1985), cuja obra mais emblemática se chama, apropriadamente, "Eu e a Aldeia" (1911). Nascido num povoado russo, depois imigrado para o Ocidente, Chagall revisita, nessa tela de viés surrealista e ambientação onírica, sua Vitebsk natal. Em primeiro plano, uma face verde em perfil representa o artista. À frente dele, animais: uma cabra e uma vaca. Ao fundo, no alto, veem-se um lavrador e um violinista caminhando numa ruazinha margeada por casas simples, ao fim da qual desponta uma igreja ortodoxa. Não há dúvida: a despeito de tornar-se um celebradíssimo gênio da pintura do século XX, Chagall é ainda o menino que lança um olhar deslumbrado, inaugural, sobre a paisagem da infância, vazada em cores irreais, como fazem as crianças, que insistem em pintar de azul uma rosa vermelha ou de verde a coroa do sol. Essa é sua verdade, a das crianças e de Marc Chagall, e é ela que continua comovendo os visitantes no MoMA, em Nova Iorque, onde a obra está exposta.



EU E A ALDEIA 1911

**CHAGALL É AINDA
O MENINO QUE
LANÇA UM OLHAR
DESLUMBRADO,
INAUGURAL, SOBRE
A PAISAGEM DA
INFÂNCIA, VAZADA EM
CORES IRREAIS**

Com estilo diverso do de Chagall, Edward Hopper (1882-1967) também pintou a vida inteira sua aldeia, mas ela não era a pequenina Nyack na qual nasceu, talvez porque Nyack estivesse ali tão próxima à cosmopolita Nova Iorque. Embora tenha pintado uma tela de nome "Aldeia americana" (1912), a aldeia de Hopper é, metafórica e metonimicamente expandida, os Estados Unidos inteiros, com suas cidades atarefadas, sua galeria de tipos solitários e, sobretudo, suas planícies atravessadas por vias férreas, nas quais, perto ou longe, uma casa se avoluma, um posto de gasolina surge para quebrar a unidade ocre do conjunto. São paisagens, de resto, que expressam a noção de limite, de enfrentamento: espaços em que a natureza confronta, em aterrador silêncio, um signo da civilização.



CASA À MARGEM DA LINHA FÉRREA, 1925

São lugares-fronteira, em que os americanos, urbanos e felizes, devem confrontar as vastidões naturais de onde vieram. O repertório visual de Hopper é variado, mas nele a lição de Tolstói permanece viva, pois é a atenção ao elemento local que leva à universalidade de sentido da obra.

Assim o é, por exemplo, a “Casa à margem da linha férrea” (1925), na qual se vê uma sóbria mansão vitoriana banhada por um brilho frio, incapaz de vencer a evidente tristeza de suas janelas. Uma casa talvez cravada em uma *ghost town*, mas que é também uma testemunha dos vagões (ausentes no quadro) que passam ao largo, interminos e pontuais, conduzindo, talvez, homens e mulheres civilizados para o centro do continente. Essa América-aldeia parece ainda nos seres humanos retratados por Hopper. É o que ocorre em “Autômato” (1927), obra que mostra a cliente de um *snack-bar*, com

sua calma inexpressiva amplificada pelo corredor de luzes refletido no vidro às suas costas. Ela é um tipo ao alcance dos olhos numa madrugada comum, um detalhe da vida cotidiana que se converte, contudo, num poderoso símbolo do alheamento e da solidão.

Uma outra aldeia, contudo, bem menos lírica que a Vitebsk de Chagall e menos profunda que a aldeia-continente de Hopper, devemos ao filósofo Marshall McLuhan (1911-1980) e seu conceito de *global village*. Ele previu, ainda nos anos 1950, que o mundo, em função dos crescentes avanços da comunicação de massa, se converteria nesta aldeia global em que vivemos hoje – onde as distâncias desapareceram, onde todos estamos interligados, voluntária ou involuntariamente, pela tecnologia.

A lição de Tolstói segue, portanto, necessária, viva.



AUTÔMATO, 1927

Pois esperemos que ela siga inspirando sucessivas gerações de artistas. Que eles pintem – aqui e ali – estas aldeias-ilhas, das quais (como a aldeia-Aldeota da canção de Ednardo) precisamos bater à porta sempre que possível – onde precisamos reconhecer-nos tal como fomos na infância perdida, tal como ainda somos no limite entre nossa roupa e nosso instinto. E que elas, as aldeias de som ou de tinta, protejam nossa diversidade, nossas identidades pessoais e coletivas, cotidianamente ameaçadas pela dissolução no sinestésico turbilhão *real time* de notícias, na tempestade de imagens sedutoras porque vazias, no arsenal portátil de *smartphones*, na massa anônima de *selfies*, postagens, idiosincrasias. ■

Cláudio Neves
professor e escritor



ROBERTO GALVÃO
ARTISTA PLÁSTICO
E MESTRE EM
HISTÓRIA SOCIAL

**A ARTE, COMO
A FALA, É UMA
MANIFESTAÇÃO
HUMANA QUE
SE APRESENTA EM
TODOS OS POVOS
E EM QUASE TODAS
AS COMUNIDADES.**

UM OLHAR COMUNICATIVO E PLURAL SOBRE A ARTE

Estamos iniciando a nossa participação na Revista Arte, editada pela Bookmaker. Como o nome revela, a sua função é divulgar a arte, os artistas ou os fazeres artísticos em múltiplas direções, suprimindo deficiências e levando informações preciosas para artistas, colecionadores e amantes das artes em variadas faces: arquitetura, design, arte de rua, pintura, escultura, fotografia, galerias e instituições ligadas à cultura, buscando abranger um universo largo, sem fronteira - das artes internacionais, brasileiras, nordestinas, cearenses à revelação de artistas ainda desconhecidos.

E não poderia ser diferente. A arte, como a fala, é uma manifestação humana que se apresenta em todos os povos e em quase todas as comunidades. Aliás, creio que poderíamos afirmar que a arte é um dos modos de expressão mais significativos, que mais diz coisas sobre os sentimentos e modos de perceber e entender o mundo, entre os seres humanos.

Todavia é bom que se perceba que os humanos podem se expressar sem fazer arte. Não existe essa obrigatoriedade. Podemos não colocar arte na nossa fala, no nosso canto, nos nossos desenhos e pinturas, nas esculturas que realizamos. Não basta falar, cantar ou pintar para fazer arte.

Para adicionar arte ao que expressamos temos que ter um desejo de apresentar algo mais ao que já foi dito, cantado, pintado ou esculpido. Fazer arte requer um certo coeficiente de invenção própria, de alma e forma pessoal no dizer. Por mais arte que tenha um texto, repeti-lo não tem arte alguma. A arte também requer domínio sobre os modos de fazer. Por mais invenção que minha mente tenha sobre uma melodia, se eu não souber como apresentá-la para os meus pares, minha criação será totalmente inútil. É preciso saber exibi-la e comunicá-la em toda a sua plenitude de invenção e criatividade.

E ainda tem uma outra coisa que se exige das expressões humanas para se dizer que elas contêm arte: uma certa sintonia com o seu tempo, com o lugar de sua criação e com a cultura do seu povo.

Creio que todas essas coisas que falei da arte em geral também servem como parâmetros e referências para a Revista Arte. Ela surge por um positivo desejo de fazê-la, da Bookmaker e de Vando Figueiredo. Ela, em sua primeira edição, tem invenção, forma pessoal de mostrar e dizer as coisas, domínio do fazer, criatividade e sintonia com a cultura do nosso povo. Seus editores possuem todos os ingredientes para que a Revista Arte comunique as artes, de modo simples, para muitos rincões do Brasil, sem pretender falar hebraico no sertão de Caxinquelê.

Roberto Galvão

EM CONSTRUÇÃO

COMBINA COM VOCÊ

QUE NÃO ABRE MÃO DE
GRANDES NEGÓCIOS.



Todas as perspectivas presentes nesta peça publicitária são ilustradas. Fotos, cores e ilustrações têm caráter exclusivamente promocional por se tratar de bem a ser construído. Os móveis e acessórios ilustrados nesta peça publicitária não integram o imóvel cobrado à venda. Áreas comuns entregues equipadas e decoradas conforme Memorial Descritivo. Empreendimento com Registro de Incorporação nº R-10-15.909, da Matrícula nº 15.909, do Cartório de Registro de Imóveis da 4ª Zona. CIREJ 31557. Dezembro de 2016.

BANDO



SALAS COMERCIAIS DE

22,73 m² A 64,43 m²

LAJES CORPORATIVAS DE

326,47 m²

MALL COM

4.200 m² DE ABL

1.527 VAGAS
DE ESTACIONAMENTO

25 ELEVADORES

HELIPONTO

O BS Design surpreende até na sua construção. Uma mega obra que envolverá mais de 1.500 profissionais e trará novas técnicas de engenharia capazes de superar todos os desafios desse incrível empreendimento.



BSDESIGN

CORPORATE TOWERS

Um salto para o futuro.

bsdesign.com.br

Av. Des. Moreira, 1300. Vendas: **3052.3522** ou consulte seu corretor.

minalba

Sua melhor escolha

www.minalba.com.br

@MinalbaOficial

/MinalbaOficial



Minalba Premium é como seu bom gosto: Exclusiva.